

OE!

VIAGEM PELO BRASIL

Segunda parada

**Memórias improváveis
de uma vida breve**

sessenta narrativas brasileiras

Victor Huerta Arroyo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arroyo, Víctor Huerta

Memórias improváveis de uma vida breve [livro eletrônico] : sessenta narrativas brasileiras / Víctor Huerta Arroyo. -- Santo André, SP : Víctor Huerta Arroyo, 2020. -- (Viagem pelo Brasil ; 2)
1 Mb ; PDF

ISBN 978-65-00-06635-7

1. Brasil - Descrição e viagens 2. Cotidiano
3. Crônicas brasileiras 4. Experiências - Relatos
5. Memória 6. Narrativas escritas 7. Relatos de viagens 8. Viagens - Narrativas pessoais I. Título
II. Série.

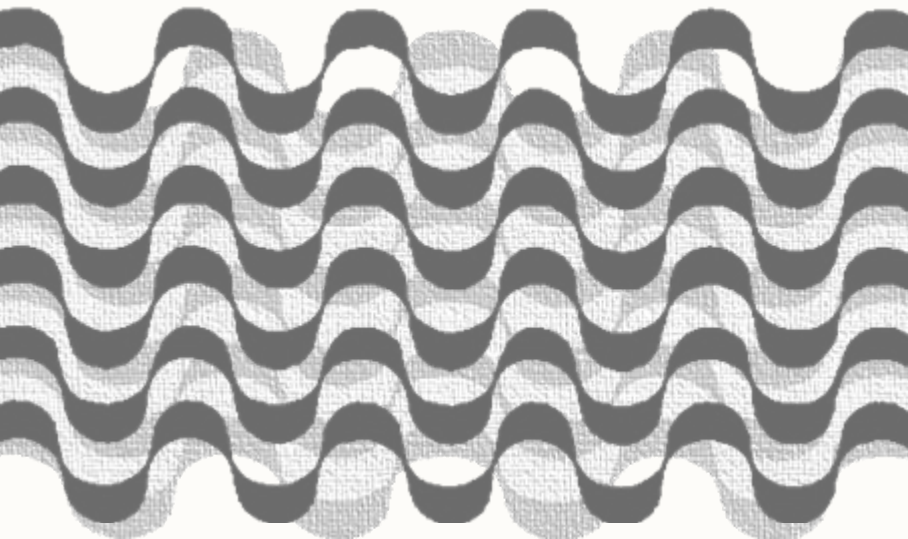
20-40508

CDD-910.4

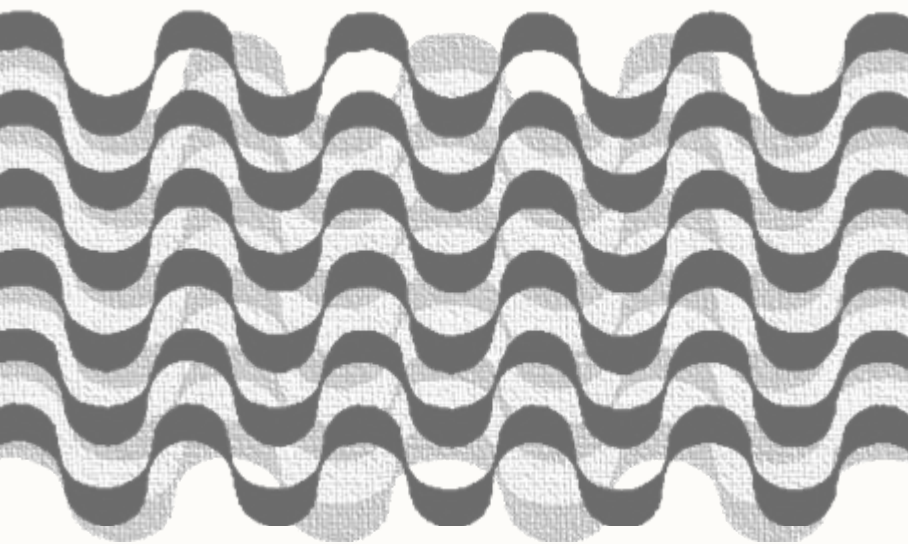
Índices para catálogo sistemático:

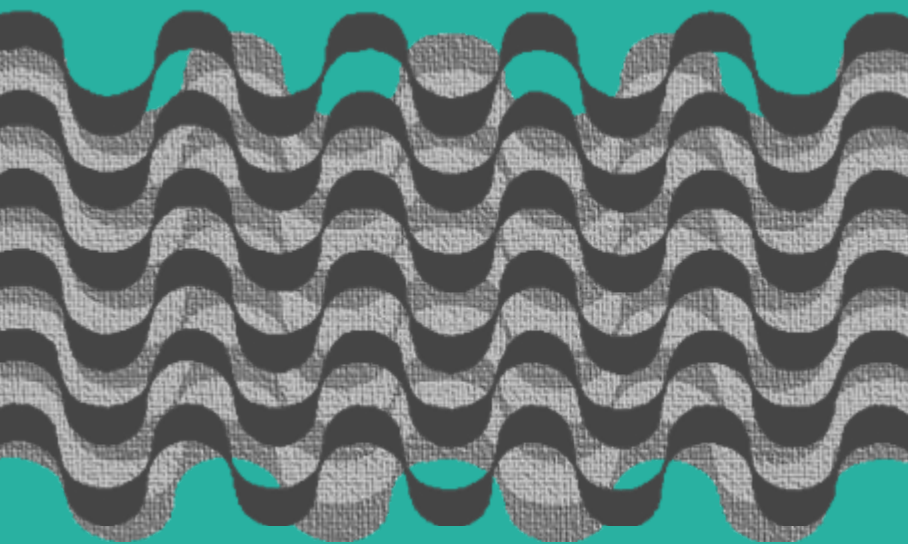
1. Relatos de viagens 910.4

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Por UM BRASIL que acredita e tem coragem



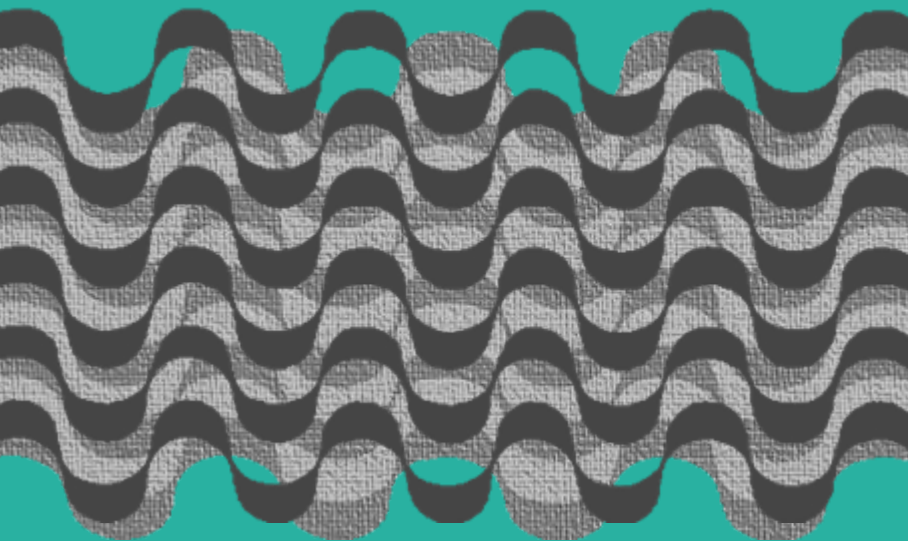


Víctor HUERTA Arroyo

VIAGEM
PELO BRASIL

Segunda parada

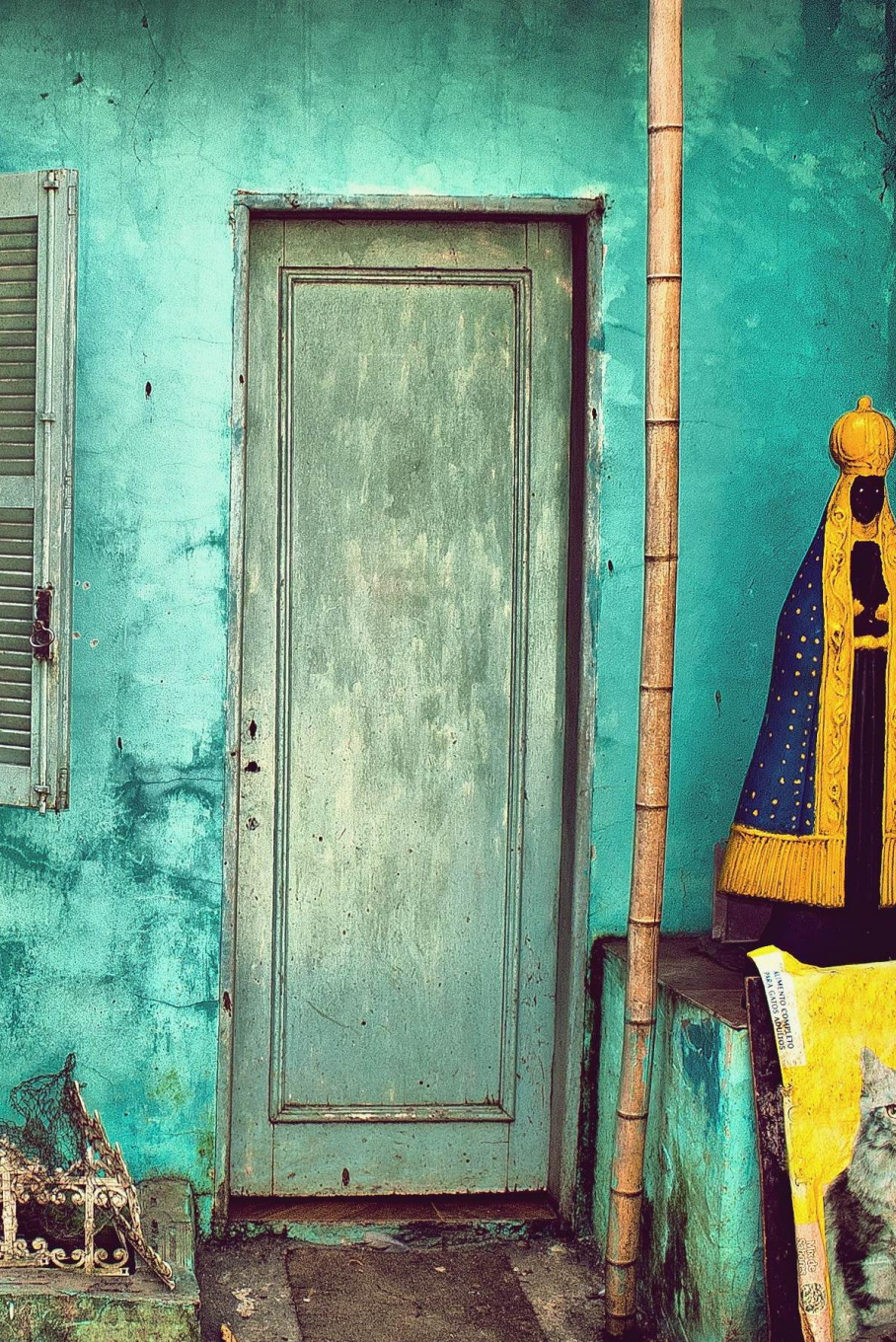
Memórias improváveis
de uma vida breve
sessenta narrativas brasileiras

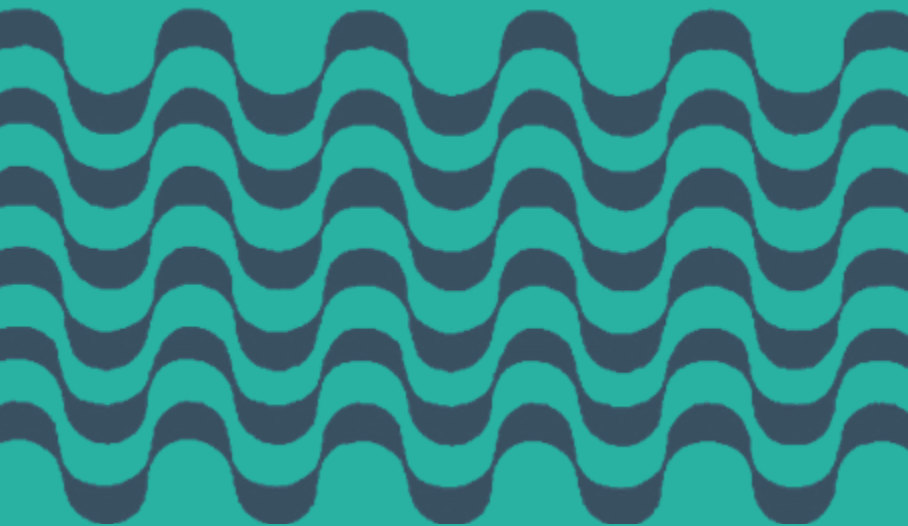


OE!



Casa de dona Nena. Iperó-SP
Fotógrafo: Igor Pereira





SUMÁRIO

- Prólogo. O tempo de estar pronto, 15
01. Calo de Lápis. São Bernardo do Campo-SP, 19
02. Vivendo e desaprendendo. Vitória-ES, 21
03. Até amanhã! Porto Alegre-RS, 24
04. Negociação. Porto Alegre-RS, 25
05. Memórias improváveis de uma vida breve. Poço Redondo-SE, 29
06. Viva o Pedro! São José do Rio Preto-SP, 33
07. Vanádio e varicocele. Termas de Ibirá-SP, 35
08. Caminho da evolução. Barretos-SP, 39
09. Efeito borboleta. Catanduva-SP, 41
10. Renascidos. Canudos-BA, 42
11. Receita para emagrecer. Vitória da Conquista-BA, 45
12. Vovozinhas na cozinha. Uberlândia-MG, 46
13. Seis inconformados. Belém do Pará-PA, 49
14. O último romântico. Paraty-RJ, 52
15. Conselho no muro. Guarulhos-SP, 52
16. As ilusões perdidas. Olímpia-SP, 55
17. O filho mais novo. Franca-SP, 56
18. Já fui. São Carlos-SP, 59
19. Passageiro de primeira viagem. Santa Rosa-RS, 60
20. Pedido pouco usual. Santo André-SP, 62

21. Ao pé do precipício. São Francisco Xavier-SP, 63
22. Sabores de rua. Caldas Novas-GO, 66
23. Lampião, o pensador. Maceió-AL, 67
24. Voltar com gosto. Cruz Alta-RS, 70
25. Meandros. Morretes-PR, 74
26. Mentiras Sinceras. Varginha-MG, 76
27. Santos Fújes. Sabará-MG, 81
28. Histórias de pescador. Balneário Camboriú-SC, 86
29. Encontro de amigos. Coronel Barros-RS, 88
30. Sociedade azedada. Soledade de Minas-MG, 89
31. Pedrinhas no Sapato. Prado-BA, 91
32. Preciosa raridade. Monteiro Lobato-SP, 93
33. De olhos bem abertos. Diamantina-MG, 98
34. Aula de Semântica. Santo André-SP, 99
35. Quiromante. Resende-RJ, 100
36. Café com Leite. Santa Bárbara-MG, 101
37. Jovens tardes de domingo. Alcobaça-BA, 105
38. Os antigos guaranis. São Miguel das Missões-RS, 110
39. O fim do sofrimento. Teixeira de Freitas-BA, 112
40. De mãos dadas. Olinda-PE, 113

41. Cantoria de cana. São Lourenço-MG, 114
42. Fazer por Merecer. Vila Velha-ES, 116
43. Terra arrasada. Santo Ângelo-RS, 118
44. Uma Segunda oportunidade. Serro-MG, 121
45. Discurso de uma vida longa. Aracaju-SE, 124
46. Mulher nova, bonita e carinhosa. Rio de Contas-BA, 125
47. Bate-bola. Águas de Lindóia-SP, 128
48. Couro de lobisOMEM. Joanópolis-SP, 129
49. Um pouco de paz, por favor. Não-Me-toque-RS, 132
50. Paraíso Semárido. São Desidério-BA, 134
51. Santas de vida Fácil. São Borja-RS, 136
52. O boi Mansinho do Araripe. Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. Crato-CE, 139
53. Entre Olhaduras e rodeios. São Roque de Minas-MG, 144
54. Pilulas para crer. Guaratinguetá-SP, 147
55. Ditados Na Feira. Itamaraju-BA, 148
56. O jardim do vizinho. Burarama. Cachoeiro de Itapemirim-ES, 149
57. Lições de um jardineiro. Campos de Goytacazes-RJ, 153
58. Tudo pela Modernidade. Serra Negra-SP, 156
59. Um Minotauro No cassino da Maroca. Passo Fundo-RS, 159
60. Na Mesa de Chico. Uberaba-MG, 161




Jaqueira, de cuja sombra se vê a baía e a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Artocarpus integrifolia, e cujus umbra S. Sebastiani Sinum et Urbem Conspicis

Litografia de Carl Friedrich Philipp von Martius com base nos desenhos de Benjamin Mary para o livro *flora Brasiliensis* - Volume I, parte I (1847)

Gravura

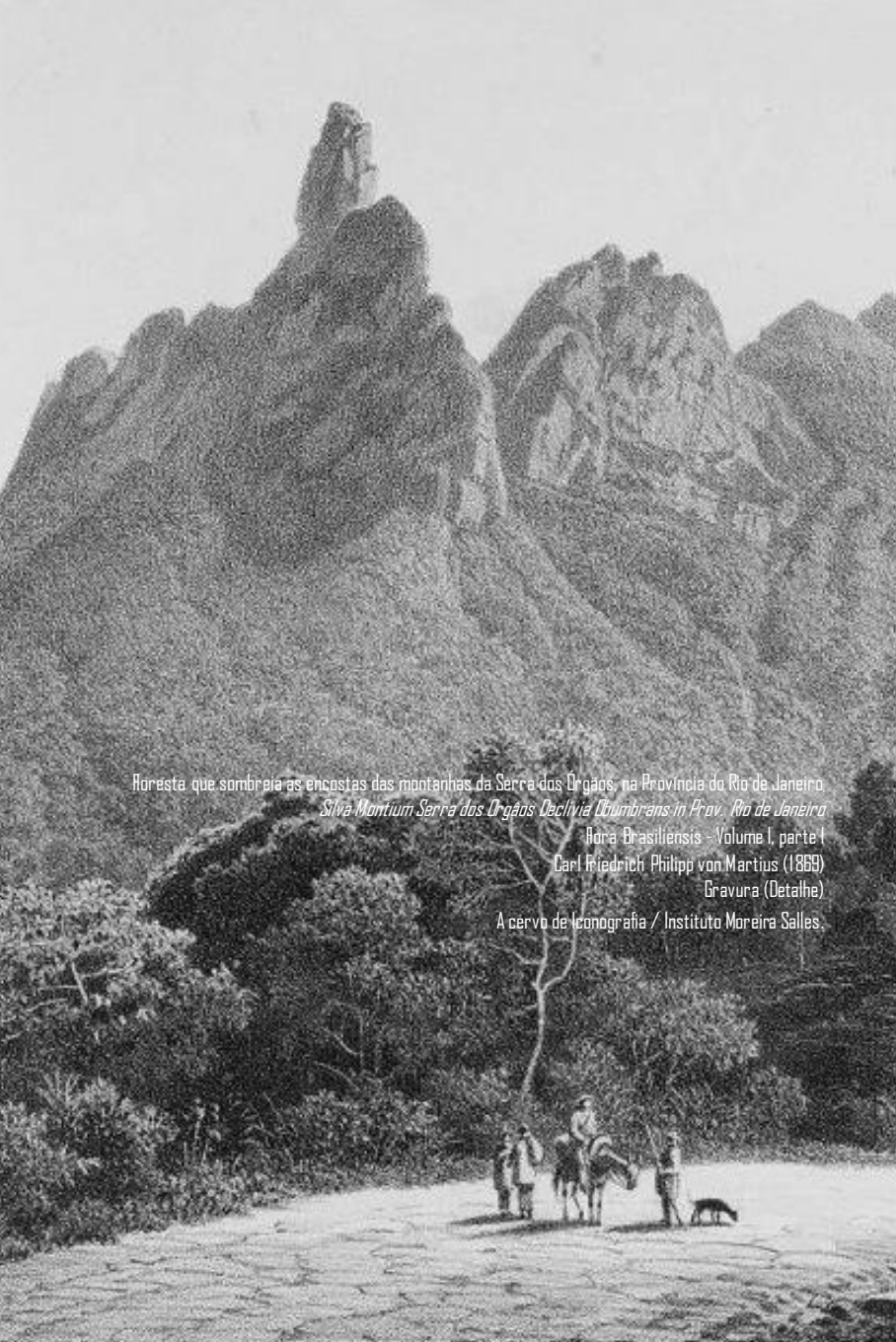
A cervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles.



“Como me sinto feliz aqui, como chego a compreender a fundo muito daquilo que até agora era inacessível! O lugar sagrado, onde todas as forças se reúnem harmoniosamente, e ressoam como canto triunfal, amadurece sensações e pensamentos. Parece-me compreender melhor o que é o historiador da natureza. Diariamente lanço-me na meditação do grande e indizível quadro da natureza e, embora seja fora do meu alcance compreender sua finalidade divina, ele me enche de deliciosas emoções. - São três horas da madrugada; levanto-me da rede porque não consigo mais dormir de excitação; abro as venezianas, e olho para a noite escura e solene. Magníficas brilham as estrelas, e o rio resplandece com o reflexo da lua poente. Como tudo é quieto e misterioso em torno de mim! Ando com o lampião para a fresca varanda e contemplo os meus queridos amigos, as árvores e arbustos em redor da casa”.

Pará, 16 de agosto de 1819
Carl Friedrich Philipp von Martius.

SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. von. Viagem pelo Brasil, 1817-1820. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Itatiaia, Edusp, 1981.



Floresta que sombreia as encostas das montanhas da Serra dos Órgãos, na Província do Rio de Janeiro.
Silva Montium Serra dos Órgãos Declivia Obumbrans in Prov. Rio de Janeiro

Flora Brasiliensis - Volume I, parte I

Carl Friedrich Philipp von Martius (1869)

Gravura (Detalhe)

A cervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles.

PRÓLOGO

O tempo de estar pronto

PENSEI EM TOMAR A SEQUÊNCIA DE HISTÓRIAS BRASILEIRAS deste livro com uma frase que ouvi anos atrás de um monge: *Quando o discípulo está pronto o mestre aparece.* Ouvi várias vezes depois, sempre com renovado frescor. Existem questões simbólicas nas percepções de "tempo" e de "estar pronto". Elementos com os quais lemos o mundo e nos aventuramos a escrever sobre ele, atribuindo significados e consolidando imaginários. Me lembro, por exemplo, em viagem por um país distante, ao perguntar em quanto tempo sairia o próximo barco até as praias que ficam ao outro lado da península, o pescador balbuciou algo que entendi como sendo "oito pessoas". Pensei que a minha pronuncia falhara. A pergunta foi refeita e a resposta, soletrada, foi a mesma. Como assim? Naquela hora, deduzi que o jovem barqueiro, pescador e vendedor de passagens, estava confundindo tempo com capacidade. Afinal, o tempo se mede em minutos. O tempo medido em pessoas não era uma resposta sequer esperada. Contudo, no ciclo de viagens pelo Brasil, que deu origem a este segundo livro, voltei a ouvir a mesma resposta, dessa vez em Crato, no Ceará. Milhares de quilômetros distante, o motorista de um pau de arara condicionava a

saída do seu veículo a um número mínimo de passageiros. “Pra sair, mais dez pessoas”, disse ele. O tempo, nesse caso, era relativo. Tanto fazia começar a viagem em cinco, quinze ou trinta minutos, ou em uma hora. Assim como na história do barqueiro, a resposta do motorista nordestino estava correta, e a medição do tempo também. Há muitas maneiras de formular uma pergunta e tantas mais de respondê-la. O que acontece, então, quando uma resposta não faz sentido? Quando escapa ao modelo esperado, como nos relatos do barco e do pau de arara? Acredito que não resultará raro justificar esses ruídos aludindo dificuldades de compreensão, porque quando a conversa não faz sentido se disparam os alarmes, alertando que algo anda mal. Porém, “entender”, sem ter realmente entendido, é mais perigoso, porque não se acende nenhum sinal luminoso e o mal-entendido se instala, sem ser notado. Enunciar ideias, formular opiniões ou manifestar qualquer tipo de expressão, não assegura a comunicação. A fidelidade entre o que se deseja dizer e o que é compreendido é uma ponte ruínosa por onde poucos passam. Por conta disso, antes de pegar a estrada em busca de significados, é válido tomar os devidos cuidados com suas vias sinuosas mal sinalizadas e seus becos sem saída. Uma segunda observação remete a que um tempo medido em pessoas tem a ver com o tempo de “estar pronto”. O barquinho estrangeiro e o pau de arara cearense só estarão disponíveis para sair quando tiverem a sua capacidade alcançada, ou seja, quando o número de pessoas necessárias

para a travessia esteja de acordo com o programado. Portanto, confiar a realização de um objetivo à vontade desejada ou ao rigor das nossas agendas pessoais, por melhor elaboradas que sejam, poderá nos conduzir ao erro. O tempo convencional, nesses casos, pouco importa, porque um bom discípulo não estará pronto em nenhum tempo que tenha hora marcada e data no calendário. Um discípulo estará pronto, apenas, quando alcançar a sua real capacidade de navegação, condição que poderá chegar indiferente ao tempo da vontade. Afortunadamente, em algum momento, o esforço será recompensado, o ambiente se tornará propício, o entendimento chegará, o barqueiro subirá, o mestre aparecerá, e depois de tanto esperar seremos finalmente transportados pelo mar até outra praia. Memórias Improváveis de uma Vida Breve é o resultado de intentar ver e ouvir o Brasil com “olhos de ver” e “ouvidos de ouvir”, narrando fatos cotidianos que começaram a ser contados no livro Rios que não Correm para o Mar.

Memórias Improváveis de uma Vida Breve chega sem hora marcada, mas no tempo certo. Chega como uma homenagem ao Brasil e aos milhares de silenciosas heroínas e bravos heróis que o fazem indômito e colosso. Este livro é, em definitiva, a celebração de quem está convencido que o tempo nesta terra se mede em pessoas. Há um Brasil que quer aparecer, mas espera respeitoso pelo nosso tempo de estar prontos. E nessa hora, deveremos demonstrar a nossa capacidade de iniciar uma nova travessia, soltar amarras, içar as velas, e recomeçar.



Pico Dedo de Deus na Serra dos Órgãos, Guapimirim-RJ (2019)

Em busca do cenário que inspirou a gravura "floresta que sombria as encostas das montanhas da Serra dos Órgãos, na Província do Rio de Janeiro (1865)" de C. Martius, 200 anos depois.

01



Calo de lápis

São Bernardo do Campo-SP

Ouvir dizer que podemos conhecer as pessoas pelas cicatrizes que carregam. As aparentes, imagino, pois existem cicatrizes imperceptíveis que se escondem da luz, e acaso se assomam apenas pelas comissuras dos olhos. Como evitar o reflexo de um espelho? Como fazer que aquele que reflete a alma não delate o que guardamos dentro? Cicatrizes internas são como capítulos de um livro difícil de ler, com início e meio, às vezes sem final feliz. O certo é que as marcas que levamos na pele, e que os outros veem, são capazes de contar uma história e descrever com detalhes fragmentos de uma biografia. A pele curtida, as mãos ásperas, os sulcos no rosto, o brilho e a opacidade com que refletimos a luz acusam o quebrantado espírito de quem viveu a dureza de um verão ou a solidão de muitos invernos. Quem poderá negar que estão desenhados, sobre a nossa pele, os grandes mapas dessa cartografia compartilhada que chamamos vida? Nesse mapa surgiu Arimateia que, como outros, chegou há muitos anos do Nordeste para erguer com as próprias mãos a cidade onde moraria e com elas apaziguar as ventanias do destino. Carregou cimento e carregou pedras até o corpo se quebrar, mas antes de sucumbir, sentava

com o filho pequeno para ouvir e responder as dúvidas que trazia da escola: o “g” tem um rabinho, o “b” uma barriguiinha”. Poucas coisas devem ser tão maravilhosas como ensinar a uma criança, que observa atenta, com o semblante espantado e de olhos arregalados o desconhecido mapa do mundo. Poucas coisas são maiores para um pai do que sentir o orgulho de quem o considera um herói, o mais valente e o mais forte.

No canteiro de obras, a terra e o barro cobriam os peões até apagar seus rostos e seus nomes, mas quando chegava em casa, sentado à mesa, Arimateia se transformava, aos olhos da criança, no homem mais admirado e inteligente. Conduzir por tantas vezes as pequenas mãos do filho, desenhando com o lápis um coração, era esquecer das suas, maltratadas pela cal e os pedregulhos. Foi um exercício de amor que resistiu até o dia em que o bom trabalhador não soube o que responder, e a equação no caderno ficou inconclusa, a capital do país e o nome do imperador, em branco entre linhas pontilhadas.

Quando o filho cumpriu dez anos, o robusto Arimateia, que ainda observava o menino estudar, levantou-se da cadeira e o abraçou fortemente. Emocionado, entrelaçou suas mãos com as dele e disse, com a seriedade de quem conversa com outro adulto: “Até aqui cheguei, meu filho. A partir de agora você irá além de mim. E este pequeno calo de lápis, este que nasceu no seu dedo, que seja o sinal que lhe faça lembrar do seu pai que tanto lhe ama e que fez de tudo para não permitir que a enxada marcasse suas mãos, o sol, sua testa e a ignorância, o seu coração”.

02



Vivendo e desaprendendo

vitória-ES

CONVENHAMOS, a vida ensina e a gente aprende, mas também desaprende. Pode ocorrer que jamais esqueçamos como andar de bicicleta, o manuseio de certos instrumentos ou a tradução decorada de alguma palavra estrangeira. Pode parecer que os abraços –sinceros ou insidiosos– serão sempre abraços e que os beijos –com amor ou perfídia– seguirão sendo beijos. Talvez ocorra. A premissa é aprender rápido para sobreviver. Por isso, o ritmo desgovernado da nossa humanidade há muito deixou de nos incomodar. E para não perder mais tempo em pensamentos e reflexões repetidas, elaboramos o manual –jamais escrito– de constatações que nos alertam sobre o funcionamento da natureza: chuva molha, fogo queima, fome mata. Ou sobre as pessoas: mentira magoa, traição fere, segredo incomoda. Pode ser que depois de decodificado o mapa da nossa estrutura individual, o mundo em que vivemos e a sociedade da qual fazemos parte, os nossos temores pelo desconhecido e pela mudança possam ser controlados. Talvez, mas vale a pena refletir que as regras que hoje nos dão segurança repousam sobre uma frágil camada de previsibilidade. O conhecimento que provoca

serenidade é uma questão de confiança na certeza de que as regras que aprendemos continuarão valendo. Um mundo conhecido e seguro passa a ser, na verdade, um mundo que se repete ciclicamente, dia após dia, apresentando as mesmas reações e o mesmo comportamento, sem surpresas. Mas não é bem assim, pelo menos em aparência, o mundo é um hábil transformista que caminha alguns passos à frente mudando nomes, embaralhando histórias, pregando peças. "No meio do caminho tinha uma pedra", mas não é a mesma pedra, todas as vezes. Que aconteceu, por que ainda tropeçamos diante de situações que eram velhas conhecidas? Deve ser porque desaprendemos e porque o mundo continua mudando, e é sempre outro? Talvez seja por causa das nossas certezas cristalizadas, fruto dessa obstinação em achar que só se aprende uma vez e que aquilo que ganhamos na vida, habilidades, conhecimento, amizades, amores, estarão sempre aí, sem o esforço que demanda sua manutenção, sem considerar que "tudo que é sólido desmancha no ar". Caminhando pela praia de Camburi, em Jardim da Penha, percebo que a cidade das minhas lembranças continua igual, mas que tudo está mudado. Enquanto me aproximo de uma das barracas da orla, que continua no mesmo lugar, mas é outra, atendida por empregados que oferecem o mesmo serviço, mas são outros, percebo que desacostumei a viver aqui. Entendo que sempre é hora de aprender de novo, uma lição diferente, sobre os lugares por onde andamos e sobre os temas e as pessoas que pensávamos conhecer.



Bairro Bento Ferreira e Baía de Vitória-ES

03



Até amanhã!

Porto Alegre-RS

Praça da Alfândega, 17 de Janeiro, 17H20. Cinco idosos sentados em dois bancos alinhados. Ninguém fala nada. Um deles compra uma água, pede canudinho. Minutos depois, outro compra um café, pede edulcorante. A rua está movimentada e eles observam o ir e vir dos ambulantes e das pessoas no calçadão, se distraem com uma peculiar negociação entre um homem e três mulheres a poucos metros daí. Estou sentado de frente para eles, sem compromissos para essa tarde. O sol já quase não esquenta e a luz natural está indo embora. De repente, um dos idosos se levanta, arruma a calça e fala pela primeira vez de modo amável para os outros que estão sentados: "Até amanhã". "Até amanhã", respondem todos. O homem revisa a postura e vai embora. O espaço no banco fica vago, e tomado por uma reação inesperada deixo o lugar onde estava para sentar no meio desses senhores, que observam tudo, sem mediar palavra. Ninguém fala nada, apenas o silêncio por mais trinta minutos. As luminárias da rua se acendem. Nessa hora, me levanto e sabendo que deixarei a cidade no outro dia, digo para os estranhos, de modo cúmplice: "Até amanhã". "Até amanhã", respondem todos.

04



Negociação

PORTO ALEGRE-RS

Praça da Alfândega, 17 de Janeiro, 17H50. Três jovens sentadas no mesmo banco de praça conversam animadamente. Vestem calças justas e coloridas de lycra, blusas estampadas e decotadas, brincam com o cabelo e fazem circular um pequeno espelho com o qual controlam o brilho do rosto e revisam a intensidade da cor dos lábios; tão vermelhos. A poucos metros, cinco idosos acompanham a cena em silêncio. Um homem franzino, de cabelos brancos, caminha lento pela praça e se aproxima delas. Solta um comentário, ao parecer engraçado. Todos riem. O idoso ganha confiança e se aproxima para conversar. Faz um convite, ao parecer impróprio. Intenta negociar. As jovens se surpreendem, olham para ele com desdém e explodem em uma sonora gargalhada. O homem recua, parece envergonhado. As três mulheres riem cada vez mais alto. A luz natural está indo embora e as sombras começam a tomar conta da praça. O idoso já não está. As jovens voltam a retocar o rosto, pintam os lábios, despreguiçam o corpo e arrumam o cabelo. As luminárias da rua se acendem. Três jovens conversam animadamente e riem de novo, como lembrando de algo muito hilário.



Prédios da UFRGS no centro da cidade, Porto Alegre-RS





Trilha no caatinga - Grota de Angico - Poco Redonda - SE

05



Memórias improváveis de uma vida breve

POÇO REDONDO-SE

ALGUÉM Me disse que a Morte no Nordeste Não gosta de preto, não anda encapuzada, nem usa gadanha. Isso sim, não importa se for “morrída” ou “matada”, ela chega pontualíssima. Aliás, a sua maior preocupação está em respeitar a hora marcada, muito mais do que cumprir com as aparências. É por isso que, sendo natural ou provocada, nas terras entre a Bahia e o Maranhão, falar da morte é descortinar um palco de narrativas onde se misturam realidade e fantasia, e sobre as quais vale a pena diminuir a marcha para ouvir. Foi o que aconteceu em Poço Redondo, e dias antes em Canindé e em Piranhas, cidades à beira do rio São Francisco, onde as histórias sobre o cangaço continuam atualíssimas. Deve ser porque há muito a ser contado sobre como a morte decidira trocar a foice pelo facão e o fuzil, e sincronizar sua sina com a do sertanejo nômade e rebelde, chamado de cangaceiro. A morte no Nordeste chegou sem capa, sabendo que seria ao mesmo tempo vitoriosa como heroína e acusada de bandida, porque na caatinga ela foi justiceira, mas também

injustiçada. Talvez seja por isso que pessoas como dona Geisse, que encontrei essa tarde perto do rio, parecem desconfiar das histórias que se contam como verdadeiras e que muitos acreditam. “Eu não acredito. Para mim essa história de Angico está mal contada”, disse, ao lembrar da emboscada na Grota de Angico, local muito visitado na região onde morreram Maria Bonita, Lampião e seu bando. Afinal, parece convencida que os pontos e as vírgulas de todas as histórias que alguma vez ouviu são uma soma de pausas recheadas de memórias improváveis. “Não conheço ninguém que conte uma história para sujar seu nome, e a vida que vivemos tem muito de heroísmo, mas muita vergonha entreverada”. E insiste. “Acontece toda hora. De uma verdade tiram mentiras. De uma mentira inventam verdades. Por isso não acredito em santos nem em demônios, apenas em Deus, na vida e na morte”.

Essa desconfiança com os autores e suas histórias, aquelas que ouvimos, lemos e aprendemos na escola, tem a ver com a ideia romanceada de que os embaixadores da lei obram sempre com justiça, e que seus adversários, peçonhentos, encarnam não apenas o inimigo, mas o próprio mal a ser vencido. Porque cangaceiro não foi santo, mas as *volantes* que os caçavam foram tão violentas e temidas quanto. A morte no cangaço foi indiferente aos bandos e suas lutas, já usou testeira com moedas e cartucheiras de couro e embornal, mas também vestiu farda e patente. Nesses tempos de vida breve, quem poderia diferenciar um bandido de um herói? Nesses

tempos de vida breve, quem sobraria para contar a história a não ser os vencedores? E a verdade? Quem, em nome dela, poderá alguma vez reclamar fidelidade? Quantas mais vidas interrompidas, matadas, precisaremos acumular para seguir contando a história de um país?

Ainda que cerimoniosa e dura, o fato da morte chegar morrida ou matada, ou que seja lembrada ou esquecida, apequenada ou sublimada, às vezes pouco importa. E a vida? Será que essa distinção da forma de morrer se aplica à vida? Porque as memórias se edificam nas bases da “vida vivida” e se desvanecem no lugar ermo da “vida dormida”. Uma vida vivida é uma vida que acontece sempre na fronteira da incomodidade e que transcorre entre acertos e exaltações, erros e desavenças. Ela demanda esforço, mas traz realização e aprendizagem. A vida dormida, pelo contrário, é o decorrer da existência em ponto morto, movimentada por inércias, que evita os sobressaltos e as perturbações. Essa vida que não reage pode ser também uma vida de sonhos não realizados, mas desejados, lançados com esperança sobre um futuro confortavelmente distante, que nunca chega, e um passado maculado por memórias de uma vida breve e pequena. Viver, portanto, não se resume a “estar na vida” ou permanecer nela enquanto dure. Falamos de viver no sentido de ser apresentados, mostrar a face, explorar, arriscar e discutir com ela. Assim, viver deveria significar “amar estar”, “amar fazer parte”, “amar ser a vida que vivemos”, sem importar seu tamanho nem as memórias improváveis que tenhamos dela.



Interior de ônibus na rota Ibirá-Rio Preto, São José do Rio Preto-SP

06



Viva o Pedro!

São José do Rio Preto-SP

SEU Pedro é Motorista de uma Linha Circular suburbana na região de Rio Preto. O conheci em situação atípica, em meio a uma pequena confusão, quando o ônibus estava estacionado da rodoviária de Ibirá e uma passageira reclamava pelo troco incompleto. Quando subi ao ônibus, alguns passageiros, impacientes, aproveitavam para vociferar inconformados pela demora. “Bora Pedro!”, gritava a turma do fundão. “Que absurdo parar em todo lugar, assim não chega nunca!”. Conversas paralelas culpavam ora a displicência do motorista, ora a empresa pela frota reduzida, a rota utilizada e os poucos horários. “Bora Pedro!”. “Para de enrolar”. “Que demora. Meu Deus!”. Esbravejavam indistintamente. Mas o ônibus, o mesmo que o motorista Pedro dirigia há muitos anos, permanecia detido na plataforma 1 da pequena rodoviária esperando a hora certa para prosseguir viagem. Do lado de fora, uma estação vazia sob uma cobertura de amianto, nenhum passageiro, nenhum ônibus programado para as próximas horas. Do lado de dentro, uma pequena corte popular autoproclamada condenava a um motorista criterioso pelo horário. “Tem que filmar, gente”. “Partiu

postar essa demora!”. “Vamos denunciar!”. “Olha ai, desceu para ir ao banheiro! Que cara folgado!”. “Grava e compartilha!”. Mas o Pedro, incólume, parecia esperar que alguém surgisse pela rua e no minuto final da hora programada subisse ofegante e feliz nesse último ônibus do dia para Rio Preto. “Bora Pedro!”, a turma do fundão não perdoava. A baderna só parou quando Pedro sentou na cadeira, revisou o relógio e depois de dar uma rápida espiada nos espelhos, pôs em marcha o motor, fez a manobra e saiu da rodoviária acelerando para alegria geral. “Boa Pedro, agora não para mais!”. “Bora *véio!*”. “Bota uma música ai motorista!”. “Acelera ai Pedrão!”.

Retomada a viagem, já em plena rodovia, conversas paralelas foram se alternando: “Conheço o Pedro desde que aprendi a andar de ônibus”. “Temos que entender que ser motorista é complicado, lidar com gente não é fácil e o Pedro trata a todos com respeito”. “Já ouvi falar que motorista fica loucão levando gente”. “Tem que aliviar pro Pedro”. A turma do fundão concordava. “O povo também não ajuda, reclama do horário, do troco, do tempo, reclama porque entra em Uchoa ou Urupês, porque para em Ibirá, reclama de tudo”. “Eu já vi o Pedro tirar dinheiro do bolso para evitar confusão”. “Pedrão é gente boa”. “Vamos chamar ele para tomar umas cervejas no carnaval”. “Mano, eu tenho medo de motoristas, mas no Pedro eu confio”. “Pedro é o máximo!”. “Tá calor, acho que vou pedir um gole da água do Pedro”. “Vá lá, ele é gente boa”. “Vou!”. “Viva o Pedro!”. “Viva o Pedro!”.



Vanádio e Varicocele

TERMAS de Ibirá-SP

ALGUMAS PALAVRAS CARREGAM DENTRO DE SI a maravilhosa condição do mistério. Desde o nunca ter ouvido falar até o não saber exatamente de que se trata, palavras provocam reações diferentes entre as pessoas. Sucede assim com o Vanádio, cuja raridade no uso da língua o torna elegante quando pronunciado, e cujas propriedades, como elemento químico, o fazem precioso quando encontrado.

Na bonita Estância Hidromineral de Ibirá, o Vanádio não é apenas uma palavra corriqueira, poderíamos dizer que é também um morador ilustre. São poucos os lugares no mundo onde pode ser achado, e no Brasil somente aqui. E claro, depois de ouvir a longa lista de propriedades dessas águas, dentre as quais poderia estar a duradoura juventude, resulta fácil entender o fascínio de quem procura o balneário em busca de saúde e beleza, mas não só. As águas com Vanádio são um convite tentador e os tratamentos disponíveis para quem quiser experimentar, variados. Podemos alternar entre a sauna seca e a úmida tomando banhos frios e descansando nos intervalos. Para finalizar, o banho de imersão é uma boa alternativa, dura

apenas 20 minutos, não mais do que isso. O interessante desse encontro com o Vanádio foi que pude testemunhar que a teoria de Granovetter, aquela que fala sobre a força dos vínculos entre as pessoas, fazia muito sentido naquela hora e lugar. Para entender melhor a questão, vale dizer que a gestão do balneário está nas mãos da prefeitura e são os servidores alguns dos seus principais usuários. Vemos também aposentados da região e sócios do clube vizinho que se reúnem periodicamente para relaxar. Estão ainda os moradores da cidade e os turistas, dependendo da data, muitos ou nenhum. É verdade que algumas categorias não são excludentes, mas o que percebi no dia da minha visita foi que a grande maioria se conhecia, bem e de longa data. Soube pelo tom de voz e pelas brincadeiras, gargalhadas e excessos celebrados com fervor entre os que pareciam se reencontrar na feliz rotina do Vanádio. Na parede um letrreiro pede silêncio, mas nesse lugar os laços entre as pessoas são tão fortes que atrapalham. Granovetter diria que a preservação das normas, o respeito e o cuidado dentro de certos espaços parecem melhorar quando os vínculos são fracos e existe um certo escrúpulo. Será? Ouvei de tudo essa tarde, desde comprometedoras confissões de juventude, advertências sobre os efeitos colaterais do Viagra, até um despolido autoexame de varicocele. Certo que para palavras novas basta com o Vanádio, afinal, é por ele que as pessoas voltam para casa macias e relaxadas, e para não se comprometer, sem olhar demoradamente nada, nem ninguém.



A. G. H. SÃO PAULO

Fonte A dhemar de Barros. Parque das Águas. Termas de Ibirá - SP



CASA
CÃO
BRAVO

08



Caminho da evolução

Barretos-SP

Vejam só que perfeito é o caminho da evolução dos seres. Conheci uma pessoa que algum dia será um espírito glorioso, um missionário do amor, um grande iluminado. O resplendor de sua beleza espiritual acariciará nossa face com sublime inspiração. Na longa jornada do aprimoramento, esse homem retornará como um mentor, um guia, um sábio abençoado. Só que exatamente agora, ele, o mesmo que dirige o ônibus de linha que peguei em Barretos, não passa de um esplêndido babaca. Até chegarmos ao feliz dia da sublimação daquele ser em evolução tudo indica que ainda haverá muita grosseria destilada, mal humor e prepotência nesse ônibus. Ou talvez não. Quem sabe a descortesia seja apenas reflexo de um dia ruim, que todos temos, e a brutalidade e prepotência observadas possam encontrar razões válidas e defensores que as justifiquem. Espero que não seja assim, porque não é fácil andar de lotação pelo cumprido e sinuoso caminho da evolução, nem moleza perder horas no ponto para ver chegar na nossa parada, e abrir a porta para nós, quem um dia será civilizado e confiável, mas que não é nada disso, ainda.



Pinturas de Benedito Calixto na Igreja Matriz de São Domingos. Catanduva-SP

09



Efeito borboleta

CatandUVA-SP

A igreja de Santo Domingos em CatandUva tem todos os ingredientes para construir uma boa história. Nela está o sonho materializado de um pároco imigrante, Padre Albino; o esforço e devoção de centenas de pessoas, anônimas e conhecidas; e a destreza de um pintor inspirado, Benedito Calixto. Dizem que o Padre encomendou ao artista as pinturas da nave principal e o retrato dos doze apóstolos de Cristo nas laterais. Décadas depois, Benedito Calixto ocuparia um lugar no panteão da arte nacional, mais meritória, mas menos popular que a feira na praça paulistana que lhe deu fama. Padre Albino, por sua vez, querido e respeitado pelos paroquianos, permaneceu inominado pelas grandes massas que vivem a vida sem acaso conhecer sua história e o que se passa dentro das paredes da igreja que se empenhou tanto em construir. É um ritual que se repete dia após dia na hora do Ângelus, ao entardecer, quando um grupo de vizinhas devotas repetem dezenas de vezes o Ave Maria. A oração do Terço é fato corriqueiro também em outras igrejas do Brasil e mobiliza fiéis comprometidos e perseverantes nos seus propósitos. A gente não sabe, mas às vezes um pequeno

gesto ou uma ação por mais modestos que possam parecer são os responsáveis pelo equilíbrio do planeta ou pela preservação deste mundo tal qual o conhecemos.

Sentado no fundão, sob as obras primas de Calixto, agradecei meditativo o esforço dessas senhoras e de todas as que ainda oram por nós. Quem sabe, sem a participação delas ou desse repetitivo e generoso esforço, eu, você, e todos neste país, sem exceção, já teríamos ido parar no bealéu.

10



Renascidos

CANUDOS-BA

NOS TEMPOS de Lampião, era comum batizar os novos membros do bando com o nome de cangaceiros mortos em combate, dando a impressão de que ainda permaneciam vivos. A estratégia reforçava o imaginário do “guerreiro que nunca morre”, não até cumprir a missão. É curioso que a atual Canudos seja a terceira Canudos. Caiu duas vezes antes, primeiro massacrada pela guerra e depois inundada pelas águas do açude Cocoboró. Depois de renascer duas vezes, nem estratégia nem teimosia, nem sequer tarefa inacabada, aquilo chama-se amor pela vida.





Praça Tancredo Neves, Vitória da Conquista - BA



Receita para emagrecer

Vitória da Conquista-BA

FARMÁCIAS de grandes redes São Não-Lugares.

Tanto faz estar na capital paulista ou no interior da Bahia, uma vez dentro delas perdemos qualquer referência de identidade do lugar onde estamos. Contudo, existe algo que muda menos ainda, sem importar a latitude: a difícil tensão entre apetite e aumento de peso.

–Funciona mesmo?

–É lançamento, senhora. –Na promoção, R\$247,90

–Mas será que vou conseguir emagrecer?

–Com certeza. Basta tomar um comprimido antes de cada refeição com três copos grandes de água e seguir uma dieta balanceada, porções menores e muita fibra. Isso sim, nada de frituras, nem de pão, nem de massas, nem de molhos durante o tratamento. Açúcar nem pensar. Exercícios diários são indispensáveis, caminhadas ou ioga. Se deixar de jantar, muito melhor. Não vai se arrepender! Dois quarteirões à frente, encontro com a desiludida senhora no interior de uma padaria, essa sim com a cara de Vitória da Conquista, comprando beiju de tapioca, João duro, chipa, biscoito avoador e o mais delicioso chimango de queijo que já tenha provado. Salve a Bahia, Senhor!

12



Vovozinhas na cozinha

Uberlândia-MG

Nada como uma roseta de folhas de cheiro verde

ou aquele raminho especial de ervas aromáticas para que uma comida chegue à nossa mesa carregada de profundas reminiscências. Paciência e tradição, de mãos dadas com um pot-pourri de especiarias, são a pedra de toque que transforma qualquer insípido alimento na materialização do sabor caseiro e do carinho familiar. Que estimulante para o fatigado viajero ler nos restaurantes de Uberlândia frases que se repetem pelo Brasil e que dão conta de uma comidinha feita com amor e que apela fortemente à memória emocional. E não é apenas o fogão à lenha ou as panelas de ferro ou barro, trata-se de um imaginário estimulado por anúncios como: “Venha provar o tempero da vovó”. “Almoce como na casa da vovó”.

Poucos iriam contestar as habilidades culinárias da vovozinha, talvez por isso a publicidade parece dar certo. Que peso enorme para uma idosa ter de dominar os fogões e suas artes para atender tão altas expectativas. É por isso que ainda espero encontrar aquela vovó ruim de cozinha cujo feijão intragável será o grito de liberdade de uma geração que tem mais o que fazer e que tem pressa.



Catedral da Sé. Belém do Pará



Mercado Ver-o-Peso. Belém do Pará



Seis inconformados

BELEM DO PARÁ-PA

EXISTE UMA BELEM NA MINHA MEMÓRIA da qual gosto repetidamente de lembrar. Recordo por exemplo, os dias de domingo na praça da República, quando desde cedo se instalava a feira do artesanato com diversificada oferta de produtos. Desde a rua Oswaldo Cruz até o Teatro da Paz, na Carlos Gomes, dezenas de barracas se alinhavam às margens dos passeios do parque. No chão, sobre uma tábua ou pendurados em cordéis, milhares de acessórios disputavam a atenção do caminhante. Objetos em madeira, couro e juta, brinquedos de miriti, colares e bijuterias, sementes, araras estampadas em coloridos tecidos, roupas, alimentos e um sem fim de lembrancinhas e sedutoras bugigangas redesenhavam o contorno da praça a cada domingo. Eu costumava me deter diante das cerâmicas Tapajônicas e Marajoaras seduzido pelos vasos gigantes ou pelas vasilhas, potes e tigelas, mas também pelas urnas e as estatuetas com figuras humanas ou da fauna amazônica. Esse encantamento pelo artesanato me levaria até a ilha de Marajó, para Sore e Santarém, e também até a região dos rios Madeira e Tapajós, berço da arte mais antiga em cerâmica do Brasil, onde urucum e

jenipapo tingem as cores de um país desconhecido, talentoso e criativo.

Foi nesse período, há muito tempo atrás, que sob fresca sombra de mangueiras e talvez extasiado pelo ritmo do carimbó e o sabor do taperebá, fui abordado por seis inconformados. O que poderiam querer de mim? Soube na hora. Apenas uma adesão. Aqueles militantes das causas perdidas estavam comprometidos em deter o avanço do inevitável e para isso, sob a mesma fresca sombra de um domingão na praça, conclamavam o fim da globalização. E para começar titânica e desigual luta contavam com a força de uma ideia, uma caneta e uma petição no papel, com meia dúzia de assinaturas.

“Estamos começando”, disse o mais entusiasta, justificando o pouco engajamento. “Essa guerra parece que já foi perdida”, recordo ter comentado em tom de observação. Fui precipitado e cartesiano em me deter em detalhes práticos sem considerar os motivos que movimentavam esse grupo de seis jovens. Infelizmente, decidi não assinar. Hoje, anos depois, sentado na mesma praça onde ocorrera aquela particular história, reflito que poderia ter feito diferente. Era um gesto importante que, mesmo inócuo, valia como gentileza e apoio simbólico aos olhos de quem luta e persevera. Vestir, às vezes, a camisa da utopia nos coloca na trincheira de quem não pensa na vitória, mas abraça valente o caminho da eterna resistência. Não assinei aquele dia, mas hoje assinaria. Não porque creia que seja possível fazer o mundo girar em

outro sentido, nem porque acredite que é possível fazer a noite virar dia, apenas com o poder de uma intenção compartilhada. Assinaria porque existe um lado que todo ser humano deveria assumir sem importar que seja uma causa perdida. Me inscreveria a essa luta apenas para ver desconhecidos somando forças, acreditando juntos que o futuro pode ser digno para todos. Daqueles garotos, amigos das lutas impossíveis, reconheço a dignidade e a preocupação com o futuro, e a loucura cada vez mais rara dos que perderam a vergonha de defender uma causa e falar pelos que calam. É claro que seis assinaturas, nem um milhão delas, poderiam deter um processo incontornável ao qual fomos expostos e ao qual nos adaptamos ao ponto da convivência. E embora tenhamos recebido enormes benefícios e impensadas oportunidades, vimos também inflamar as nossas feridas mais antigas e abrir sulcos profundos nos rostos mais ferozes e nas costas mais fortes.

Existe uma Belém na minha memória da qual gosto repetidamente de lembrar. Nessa Belém das minhas saudades estão os sabores doces, os rios largos e a chuva forte, mas também a imagem de seis jovens militantes que caminham juntos numa praça e acreditam que todo sonho que carregue justiça é possível de ser sonhado e vale a pena. Porque o Brasil ainda é capaz de nos emocionar, não apenas pela sua cerâmica sofisticada, suas cores e sabores, mas pelo valor dos seus filhos, principalmente aqueles que são loucos e não desistem de fazê-lo justo e digno.

14



O último romântico

Paraty-RJ

ONde estas? Por ONde andas? Será que ainda te recordas dessa vida que vivemos? Eu já não. Eu já esqueci. Não me lembro de você. Não me lembro sequer do dia em que fiz de ti a minha pátria, nem da noite em que fizeste de mim estrangeiro. Eu já esqueci. Esqueci que tu eras mar e eu apenas rio, e ainda rio. Já esqueci. Esqueci que o meu céu era você, a minha brisa, você. Eu, que tantas vezes esperei que sejas lua cheia, eu já esqueci. Onde estas? Por onde andas? Queria tanto recordar, mas já esqueci. Queria recordar porquê um dia Paraty entreguei o meu coração.

15



Conselho no muro

Guarulhos-SP

"Não POSSO Ser a mulher da sua vida porque já sou a mulher da minha". Duas amigas se entreolham diante da frase rabiscada. –Será que é um aviso para um *boy*? –Creio que é um conselho para você, *miga*. –retruca a outra, ligeira.



Rua da Cadeia e praia Terra Nova. Paraty -RJ





As ilusões perdidas

OLÍMPIA-SP

EXISTE, e ainda bem que existe, um mundo que foi passado para atrás. Nesse mundo de delicadezas, o irreal é amistosamente chamado de fantasia, as faltas se transformam em travessuras, e o amor é tão intenso e desgarrador que é chamado “de criança”, e condenado, como outras “primeiras vezes”, a ter vida curta e ser sofrido em solidão. E se algo distingue uma criança de um adulto é a sua percepção sobre o futuro, a sua expectativa e a sua preocupação com ele. O futuro é, por constituição, um lugar confortável onde cabe qualquer tipo de esperança, onde podemos desenhar os nossos melhores e maiores projetos, mesmo que ainda não contemos com as ferramentas necessárias para realizá-los. O futuro, de tão confortável, tolera até mesmo a postergação, que é o princípio reitor da sua essência. A probabilidade de alguma vez “chegar a ser” é a linguagem comum do ser humano no começo da vida, e cuja fascinação vai mingando com os anos até perder-se definitivamente com o tempo. Onde está o futuro que um dia pensamos poderia acontecer nas nossas vidas quando as possibilidades eram muitas e a vida farta? Por que

perdemos a capacidade de ver o mundo com um grande sedutor, como quando o descobríamos pela primeira vez nos tempos idos da fantasia? Será porque a vida se tornou conhecida e as ilusões perdidas? Talvez porque guardamos nossos sonhos no futuro e tristemente deixamos de acreditar que seríamos capazes de alcançá-los.

17



O filho mais novo

Franca-SP

ANDANDO SEM RUMO certo encontrei um vendedor de água de coco, seu Sicrano, filho mais novo de três francanos. Sou muito respeitoso com todos, mas não consegui deixar de perguntar se os irmãos mais velhos seriam, por acaso, Fulano e Beltrano?

Os nomes menos ortodoxos me surpreendem, há um tanto de criatividade, de homenagem, de busca pela singularidade. O Brasil é pródigo em nomear seus filhos e às vezes ocorrem excessos, mas por trás de um aparente exagero há uma narrativa e um motivo. Seu Sicrano não quis continuar a conversa e eu não insisti na pergunta.

O coco estava bom. Naquela hora esse passou a ser o tema.



Detalhe da fachada da Catedral Francopolitana de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Franca-SP



A raucária: Árvore símbolo da cidade. São Carlos-SP



Já fui

São Carlos-SP

Antes de estar aqui já fui, estive e fiz muitas coisas. Já fui a sombra de um manacá florido de beira rio e folha de manjerição sobre queijo derretido. Fui uma gota de suor em dia quente, a palavra na ponta da língua, um sabor amargo na boca, o som da chuva e o vento. Fui a carga elétrica que queimou a lâmpada e o segundo de escuridão antes de ser a chispa que acendeu o fogo. Porque quando se é tantas coisas, quem foi encontro e despedida, reconhece os sinais nas faces da vida. Um acorde de violão, um silêncio, um palpíte, uma ideia, já fui. Tudo ocorre tão depressa que é difícil de explicar. É a vida que se precipita na praia sem parar. Sim, já fui onda. Já fui arrependimento, choro de indignação, lágrima de saudade. Um abraço de amigos, uma carícia, já fui nuvem, fui delírio, já fui grito de gol. Fui tantas coisas antes de estar aqui. Porque há lugares distantes de casa aos quais também pertencemos. Em São Carlos, não sei dizer, mas aqui já fui esplendida araucária e farelo de polvilho, quiçá uma saudação no parque, um despreguiçar, ou tão-só um suspiro breve sob cujo encantamento dois jovens segurando as mãos entrelaçaram suas vidas no maior amor do mundo.



Passageiro de primeira viagem

SANTA ROSA-RS

RODOVIÁRIAS NÃO SÃO IGUAIS, cada uma tem detalhes particulares que as tornam únicas, mas também pontos em comum que as padronizam. Em muitas cidades do Brasil nem mesmo podemos encontrar uma rodoviária, às vezes apenas uma vaga na praça frente à igreja, um terreno baldio ao lado de um posto de combustível, um campinho na várzea ou uma vaga ao lado de um restaurante ou comércio, sem funcionários, mas com um papel colado na parede detalhando destinos, horários, exceções e mudanças de temporada. Nesses casos, as passagens se compram dentro do ônibus. Todo mundo sabe disso. Sabe também que não é necessário sair de uma rodoviária e chegar em outra, principalmente entre localidades vizinhas. Motoristas param ao longo do caminho, na estrada e nos acessos das cidades. Nada como esse toque familiar que transforma uma rotina de viagem em uma sucessão de encontros e despedidas. Os passageiros costumam ser os mesmos. Os motoristas e cobradores, também. Acontece que para o viajante inexperiente algumas rotinas não são tão legíveis e podem levar a mal-entendidos. Assentos marcados no ônibus, por exemplo, nem sempre são respeitados,

principalmente os da frente. Não existe olhar de reprovação que faça o invasor se levantar e procurar o seu lugar, aquele que consta impresso no bilhete. A regra não escrita é: não reclame, evite confusão, sente-se onde quiser –ou puder– e boa viagem. E eu, que havia passado por situação semelhante em outras regiões do Brasil, repeti o prato entre Santa Rosa e Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. Cidades ficam entre cidades, dentro de um mapa que se estende como um tecido que os ônibus costuram, com pontos retos ou em zigue-zague. Cidades maiores costumam ser origem e destino; as menores, usualmente são passagem. Quando é assim, os horários são estimativas e a pontualidade é uma questão de probabilidade. Ver entrar no pátio um ônibus em trânsito é pequeno, mas significativo, sinal de contentamento; alegria fugaz que só se completa no embarque. No assento 03-janela, o contentamento estava, no entanto, no usurpador que vinha de outra viagem, relaxadamente sentado, seguramente conhecedor dos códigos jamais escritos que regulam a ocupação dos lugares. Desisti de reivindicar qualquer direito de posse e segui até encontrar um lugar desocupado, perto do banheiro, onde a carroçaria balança mais e os cheiros são mais intensos. Respeitei o implícito acordo e nada disse, mas os pensamentos dispararam involuntariamente. Me imaginei chegando ao assento invadido com dois pulos e, voando sobre o jovem intruso, arrancá-lo do lugar com a destreza e refinamento de um ninja. Eu, que havia prometido regular a intensidade dos

meus maus pensamentos, imaginava-me atravessando o corredor de cabo a rabo com voadoras e duplos twist carpados, em prol de uma justiça, notoriamente violentada. Usei dessa brincadeira para destilar o licor da insatisfação sem gerar constrangimentos. E assim, com o coração apaziguado, procurar uma fresta por onde olhar as plantações de soja, verde-amarelas, quase infinitas, perder-se, bucólicas, no horizonte.

20



Pedido pouco usual

SANTO ANDRÉ-SP

De vez em quando sou surpreendido por conversas e frases soltas que ouço na rua, sem querer:

–Boa tarde, desculpe incomodar a senhora, mas tive que tocar sua campainha porque, se não se importar, gostaria de fazer cocô no seu banheiro. Tipo assim, preciso muito! Foi a primeira vez que vi alguém escolher aleatoriamente uma casa para finalidade tão básica, mas carregada de tanto preconceito. Nesses tempos de violência, deixar entrar a um desconhecido pode ser mais perigoso do que compartilhar a intimidade de uma privada. Deve ser por isso que a idosa arregalou os olhos e bateu a porta na cara do pedinte, como se tivesse visto o próprio diabo, apertado.



Ao pé do precipício

São FRANCISCO XAVIER-SP

QUE MANIA generalizada a de querer chegar rápido aos lugares. Comigo costuma acontecer e começo a pensar que quem fala que adora viajar talvez queira dizer que adora chegar. Viajar mesmo, ou seja, aquele interlúdio demorado entre um ponto inicial e um destino, só para conhecedores. Viajar é para espirituosos que desfrutam do processo como um fim nele mesmo. Viajar é para idas. Na volta, não é viajar, é retornar, e demanda muita sabedoria. Bem-aventurados aqueles que sabem voltar e fazem desse tempo uma experiência sem pressa. Tenho admiração por aqueles que sobem montanhas, sujam as botas, molham as roupas. Por todos aqueles viajeiros que seguem antigos caminhos, que abrem novos, que se perdem. Minha admiração por todos os que sentem que constantemente estão chegando e chegam dezenas de vezes ao longo de uma viagem, e descobrem dezenas de novos significados e novos nomes para as coisas velhas.

E sentado sobre uma pedra, na Pedra de São Francisco, é fácil entender por quê o mundo preserva seus encantos e reserva suas belezas para os que sabem viajar. Sempre haverá caminhos fáceis, mas as melhores paisagens continuarão estando ao pé do precipício.



Pedra de São Francisco. São Francisco Xavier - SP





Sabores de rua

CalDAS NOVAS-GO

ROUSSEAU disse alguma vez que um cão morre de fome ao lado de 1 kg de alpiste e um pássaro morre de fome ao lado de 1 kg de carne. Ou faz parte da nossa natureza ou não faz. Caminhando pelo centro percebi que pombos não gostam de tangerina, ou na impossibilidade de testar todos os pombos, posso dizer que ao menos um deles não gosta de tangerina, e esse mora aqui em Caldas Novas. O sabor cítrico depois da primeira e única bicada revirou os olhos do infeliz que se afastou ligeiro e desengonçado, como os pombos fazem, em busca de outro sabor mais afim. Existe algo em nós que tem a ver com a natureza do nosso gosto que nos faz pegar ou largar. É uma certa predisposição que nos leva a aceitar ou rejeitar sabores e texturas. Penso que o gosto pode chegar a ser também aprendido e se formar com o tempo, com a cultura e as conexões que criamos na nossa memória emocional. Não sei se seria possível ensinar a um pombo a gostar de tangerina, o certo é que não havendo impulso ou necessidade, ele permanecerá delas afastado, sem remorso. Perto de onde estou uma amiga oferece a outra um empadão de pequi com guariroba. “Credo mulher, para amarga já basta a vida”, responde fazendo careta, com os olhos no brigadeiro.



Lampião, o pensador

Maceió-AL

ENCONTRO NO CALÇADÃO DA PRAIA uma menina e sua avó. A garotinha de nove anos me conta que suspeita que seu cãozinho Lampião, como outros cãozinhos das Alagoas, é de uma inteligência incomum. Que deve ocultar algo, mas que ainda não descobriu. Por isso está de olho. Me fala que Lampião vive pensando. Passa por ele cedo pela manhã e o encontra deitado, seguramente pensando. Passa por ele de tarde e lá está ele de novo, pensando. Balança o rabinho, mexe o corpinho de lá pra cá, ensaia uma pirueta, mas seguramente não deixa de pensar. Passa por ele à noite e lá está, mais uma vez, de olhos fechados, focinho no chão, corpinho vencido, seguramente a sonhar o pensado, para depois acordar e seguir pensando. E essa história é todo dia. Para Lampião não tem distrações como internet, não gosta de televisão, não conversa, não trabalha, não anda espiando a vida dos outros, não tem time de futebol, nem simpatias políticas. Lampião toma café da manhã e janta, bebe água, caminha pelo quintal, às vezes late quando quer sair, dorme, acorda e pensa. Pensa muito. Não é possível que não seja um gênio. E não deve ser por fatores genéticos, me explica, mas pela insistência e perseverança no exercício diário de pensar.



Estação ferroviária de Cruz Alta-RS





Voltar com gosto

CRUZ ALTA-RS

UMA cidade Não é apenas UMA, ela é muitas ao mesmo tempo. Cidades são como pessoas, cheias de versões contraditórias. Dependerá da nossa experiência defini-las e entendê-las. O escritor Luigi Pirandello disse que cada um de nós é, simultaneamente, um, nenhum e cem mil. Somos o que pensamos, ou talvez não sejamos nada disso. Seguramente somos, de alguma forma, o que os outros pensam de nós, assim como as cidades. Essa questão sobre quem somos e sobre como os outros nos veem, nos define, difícil escapar desse escrutínio. Somos permeáveis à opinião alheia, seja por força das primeiras impressões que alguém tenha de nós, seja a partir do convívio, curto ou demorado, que tenhamos com quem diz nos conhecer. Pode ser que dessa tecedura se desprenda que gostem ou não da gente, exatamente como dessa equação simples e subjetiva definamos se gostamos ou não de algum lugar. Cidades são como pessoas, às vezes é necessário conhecê-las melhor para gostar delas ou de tanto conhecer é possível que desgostemos porque, às vezes, precisamente por saber demais, o amor acaba. O dia que cheguei em Cruz Alta fazia calor, difícil caminhar por essas ruas, de casas alinhadas, quando

nenhum objeto projeta sombra. O sul do Brasil carrega o imaginário de ser um território plano e frio, oposto ao cálido Nordeste ou ao tropical clima do Norte. Mas, se acaso o sol decidir aparecer e a temperatura aumentar, essa mesma lógica, de quem conhece o Sul, de longe, o levará a pensar em verões leves e amenos. É certo que faz frio, e muito, mas também é verdade que o calor meridional chega a ser intenso, quase asfixiante. Nesta terra de limites, a luz saturada no ambiente pode apagar os contornos delineados de alguns objetos.

Extraviar-se nas ruas calcinantes e sem sombra de algumas cidades gaúchas pode levar-nos a perder o desejo por descobrir e conhecer. Nessa hora, o forasteiro talvez demore em apreciar beleza, ou acaso nunca acesse os tesouros que habitam a cidade, abandone a jornada desinteressante, e volte a pegar a estrada. Mas quando a cidade é especial, ela saberá encontrar a forma de guiar o visitante para que encontre uma forma de voltar. É curioso observar que várias cidades brasileiras oferecem ao turista esse generoso obsequio do retorno. Em Manaus, por exemplo, ouviremos: "quem come Jaraqui nunca mais sai daqui". Em Santa Rosa, aqui no Sul, não é diferente: "quem toma água do Pessegueirinho sempre volta". Porque terra boa é assim, uma vez é pouco. Em Cruz Alta, por sua vez, perto da casa do escritor Erico Veríssimo, conheci a forma que a cidade encontrou para garantir o retorno de quem a visita. A lenda da Panelinha guarda essa chave que oferece a possibilidade do reencontro, a gosto ou contragosto, faça chuva, ou faça sol. Ovi dizer que, lá pelo ano de 1800, a nascente de água

conhecida como Panelinha era um sossegado local emoldurado por frondosas e ancestrais árvores nativas. Perto daí algumas casas agrupadas ofereciam pousada aos viajantes que percorriam esses caminhos em direção a feira de Sorocaba. A nascente, que abastecia o pequeno povoado, era também o local onde índias lavadeiras passavam horas batendo roupas, acompanhando o ritmo lento da vida e o vaivém das caravanas de tropeiros. Algumas delas, acostumadas ao fluxo desses homens rudes e suas mulas, sentavam sobre as pedras para oferecer água fresca e ouvir histórias. Reza a lenda, que esses comerciantes, depois de descansar e beber das águas da nascente, prosseguiram viagem, mas retornavam tempo depois, para procurar as jovens que ali conheceram. No imaginário popular, ficou registrado a força do mito: "quem bebe da Panelinha, sempre volta". Deveríamos pensar que retornar aos mesmos lugares por onde passamos não é, necessariamente, um prêmio. Contudo, resulta divertido imaginar o poder do robusto espírito que alimenta as crenças populares e sua influência para mudar as bússolas do viajante, para fazer de Cruz Alta, por exemplo, o seu destino de pouso, mais uma vez.

Antes de deixar a cidade, passei pela estação de trens que um dia conectou o Rio de Janeiro e São Paulo com o sul do país. Na plataforma desativada e aparentemente vazia, os ecos do passado preservam a lembrança de um Brasil que adormeceu, porque se cansou de esperar quem prometeu alguma vez que voltaria, ou porque "*O Tempo e o Vento*", que tudo consome, transformou em memórias improváveis o que um dia foi grito, amor e liberdade.



Fonte da Panelinha. Cruz A Ita-RS

25



Meandros

Morretes-PR

EM UM DOS BONITOS RESTAURANTES que beiram o rio Nhundiaquara ouvi dizer que o *barreado*, prato típico da culinária paranaense, demanda muitas horas na sua preparação. Alguns falam em seis horas, outros em vinte. Cebola, alho, toucinho, sal e pimenta, louro, cominho, carne de segunda, tudo misturado com farinha de mandioca e acompanhado de arroz e banana-da-terra fatiada. Pode parecer muito tempo, mas é apenas o necessário. Igual ocorre com a maniçoba, tradicional almoço do Círio de Nazareth, em Belém, que precisa sete dias de cocção para retirar a toxicidade das folhas da mandioca. No caso do barreado o tempo tão demorado é para que a carne se desmanche na medida certa, antes disso não fica igual. O barreado, assim como a maniçoba, necessita de meandros que os tornem demorados. Não são pratos para apressados que não toleram esperar. Pensava que só as cartas de amor podiam se permitir o privilégio de ser dilatadas e usar mais palavras do que as necessárias. É um direito não exclusivo porque esse espaço largo para dizer, fazer, incluso ser e ficar pronto faz parte da natureza da vida. Quando é assim é melhor esperar, que vale a pena.



Praça dos Imigrantes frente ao rio Nhundiaquara. Morretes-PR



Mentiras sinceras

Varginha-MG

—Mãe, fiz pornô!

Creio que nem todo mundo teria coragem para sair por aí falando só a verdade. Constantemente exageramos fatos, ocultamos sentimentos, amenizamos deslizes com palavras, ou sem elas. O objetivo disso tudo? Talvez evitar constrangimentos e vergonhas, que não são pouca coisa. Podemos empurrar com a barriga ou administrar um conflito disfarçando uma verdade ou escondendo evidências por um tempo. Para além do bem e do mal, as mentiras que contamos, e nos contam, são ferramentas de defesa e armas de ataque para lidar com um mundo cada vez mais severo e perigoso; estratégia pura.

—Juro que foi o boto que me engravidou, papaizinho.

Também estão os que fazem da mentira um divertimento, tática comercial ou jogo político. A mentira está de moda, brinca com as aparências prolongando a juventude ou intensificando beleza e felicidade, ou ainda, competências e honestidade, recursos cada vez mais escassos e apreciados. A vida pode resultar muito chata em preto e branco, sem o uso de retoques, temperos ou lentes de aumento. Para alguns, mentir pode ser o toque de cor que faltava.

*–Caim, onde está teu irmão Abel? –Abel? Não sei, Meu Senhor!
Com as cabras, talvez?*

Com a primeira mentira fomos capazes de identificar em nós o potencial para recriar a realidade e interpretá-la sem apelar para a experiência vivida; dramaturgia pura. Claro que não todas as mentiras são iguais, existem distinções conforme seu uso para além da arte. Em tempos de verdades cruéis, parece haver simpatia pelas mentiras piedosas, tão generalizadas dentro de uma sociedade que trafica placebos, melhora sua convivência e serena suas aflições, não precisamente pela transparência e a confiança.

–Alô chefinho, desculpe, mas era a tia que me criou: Celeste Perpetua. Que Deus a tenha.

É frequente acreditar nas mentiras dos outros, como também chega a ser normal acreditarmos nas mentiras que contamos. De tanto repetir-se qualquer afirmação que nasceu sob as sombras de uma dúvida passa a ganhar contornos de irrefutabilidade. O fim de algumas mentiras é se transformar em verdades. Também ocorre ao contrário, daí que a história não seja uma ciência exata e precise constantemente ser contada e recontada.

Eu, que não tenho como afirmar nem negar nada, ouço num bar no centro de Varginha histórias assombrosas de seres de outro planeta transitando pelas praças da cidade, sem acanhamentos nem temores. Como não custa nada perguntar, questiono sobre a veracidade do incidente. “Três garotas viram e interagiram com o extraterrestre. Deve ser verdade”, replicou um idoso, respondendo a uma

insolente incredulidade de quem teimava em dizer que tudo não passava de uma mentira fabricada e da inexplicável condição que nos faz acreditar no inverossímil e defender o indefensável. “Resulta que agora o extraterrestre virou a Virgem Aparecida e essas três meninas, as pastorinhas de Fátima?”, alfinetou no botequim, outro descrente. Preferi abandonar a discussão nesse ponto porque, como observamos, a naturalidade de uma mentira é a sua maior força e a raridade de uma verdade a sua maior debilidade. Deixei o local pensando em ETs, em aparições e com a imagem de um dos meus professores de infância na cabeça. Eu havia sido alertado, precocemente, sobre a comum ocorrência de fatos fantásticos que aparecem de vez em quando nos jornais ou em rodas de conversa, e sobre os filtros necessários para enfrentá-los. O bom professor repetia, que se alguma vez a própria virgem surgisse iluminada pela glória, entrando pela janela do seu quarto, a primeira coisa a fazer seria atirar um dos seus sapatos na testa desse demônio. E se, mesmo atingida, permanecesse suspensa por uma corte de anjos, ele não pensaria duas vezes e atiraria o outro sapato, com mais força. “Como assim?”, recordo ter perguntado em tom de assombro. “É claro”, respondeu. “Sou de natureza tão ordinária que nenhum ser evoluído teria motivos para aparecer na minha janela, seja para me ver, seja para tratar assuntos comigo. Caso visse algo sobrenatural, seria obra de algum espírito zombador e inescrupuloso brincando com meu ego, e desses, na minha idade, prefiro marcar distância”.



Disco voador, Caixa Postal, Varginha-MG



Igreja Nossa Senhora da Conceição. Praça Getúlio Vargas. Sabará-MG



Santos fujões

Sabará-MG

SENTIMENTO ESTRANHO este de Não Saber o que Fazer, ou para onde ir. Depois de chegar vem o quê?

Cheguei em Sabará de noite sem reservas antecipadas, esperando encontrar um lugar para dormir com relativa facilidade. Não imaginei da dificuldade que teria para encontrar pousada, justamente por chegar tão tarde. Decidi deixar de caminhar por ruas aleatórias, comer algo e perguntar. Na lanchonete onde entrei, tambem está Antônio, juvenzinho, magro, angustiado. Assim como eu, que não sabe onde passar a noite, o rapaz parece guardar enorme aflição pelo futuro e compartilha esse sentimento com a funcionária do caixa, risonha e jovem, mais do que ele, quem o aconselha a não ir embora, a esperar mais um pouco, a aguentar firme. Claro que se a partida se tornar inevitável sempre terá a possibilidade de voltar, desfazer o feito, retomar a vida e recomeçar de novo na mesma cidade, na mesma lanchonete, no mesmo ofício de garçom, perto da familia, dos amigos, ao lado dela, talvez. São muitas as pressões que levam alguém a sair de sua cidade. Haverá quem tome isso com entusiasmo, mas nem

sempre. Estão os que não toleram a ideia de ir embora, os que não acreditam em terras prometidas. O jardim do vizinho pode ser mais verde, mas pode não crescer nele a flor que mais gostamos.

A hora continua passando, as conversas se misturando no salão, a lanchonete se esvaziando e eu sem saber ainda onde passar a noite; problema menor comparado ao agitado movimento das marés que é a vida nessa hora em Sabará. Parece que Antônio não está disposto a trocar uma margem do caminho por outra e largar um amor certo por outro duvidoso. Ficar pode ser um prêmio ou um castigo, e assim como partir, implica em riscos e demanda particular coragem. Em época em que tudo expulsa, ficar é condição incomum de resistência. Não chegarei a saber o desfecho, mas não seria raro que o jovem garçom decida ficar, pelo menos até que as condições que o seguram permaneçam. Afinal, estamos em Sabará, terra de história e teimosia. Foi aqui onde outro Antônio também ficou séculos atrás e pelo que eu sei, foi uma excelente decisão.

Ocorreu nos tempos do bandeirante Borba Gato que um Santo Antônio, por quem o sertanista tinha devoção, ganhou uma primitiva capela às margens do Rio das Velhas. Com a construção de uma igreja maior, o santo foi levado para um novo local, a paróquia de Santa Luzia, distante alguns quilômetros. Mesmo contando com ambiente mais propício, Santo Antônio não quis saber de mudar e retornou, dizem que por três vezes em rebeldia, para seu local em Roça Grande em cujo santuário

permanece até os dias de hoje. Igual destino teve o Santo Antônio das Almas de Itabaiana, no Sergipe, santo teimoso ao qual tiveram que cortar os pés na intenção de impedir suas escapadas. Vencidos pelo cansaço, os fiéis resolveram construir uma igreja próxima da quixabeira onde costumava aparecer. Relato parecido ouvi de dona Maria Helena em Pirapora do Bom Jesus, quem conta que a imagem do Cristo, encontrada há quase trezentos anos apoiada sobre uma pedra no rio Tietê, não conseguiu ser levada para Santana do Parnaíba porque os bois que a transportavam empacaram no caminho. O Senhor Bom Jesus de Pirapora não aceitou a mudança, quis ficar e ficou. No Mato Grosso do Sul dizem que o Bom Jesus de Costa Rica tampouco quis saber de mudar e de tanto escapar foi apelidado de fujão, mas respeitaram sua decisão e ficou onde queria. Não devem ser estas as únicas histórias curiosas onde santos preferiram a sombra de uma quixabeira ao mármore das catedrais. Do mesmo modo, Antônio da lanchonete não será o único afortunado que relute partir por causa do amor ou que seja capaz de ver no rosto de uma só mulher o rosto de todas as mulheres que não precisará conhecer. Sempre estarão os que veem nas praças das suas cidades todas as praças do mundo ou no sabor de uma pitanga, todas elas. Cabe o universo em Sabará, assim como cabem a própria felicidade no curto espaço de tempo de um abraço ou a mais profunda melancolia na solidão de uma triste decisão. É muito tarde em Sabará, e eu sem saber para onde ir.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Sabará-MG



100



Histórias de pescador

BALNEÁRIO CAMBORIÚ-SC

Depois que surgiram os serviços online, com sistemas de reservas que oferecem acomodações e meios de hospedagens negociadas diretamente com os proprietários, a vida do viajante pareceu descomplicar. Da noite para o dia a oferta aumentou vertiginosamente multiplicando a possibilidade de escolher onde e como dormir, de uma maneira menos convencional, por vezes, mais barata. Nem por isso o mundo mudou, pois sempre haverá espaço para os que preferem os hotéis por diferentes razões, tanto como para os que escapam deles, pelos mesmos motivos. Afinal, ficar na casa de anfitriões desconhecidos proporciona novas experiências, geralmente positivas, embora não são raros os cancelamentos de última hora ou as reservas duplicadas. Podem acontecer ajustes nas condições da acomodação como trocas de camas por sofás, varandas por janelas cegas, falta de água e gás, e inclusive revelações inesperadas, como vizinhos barulhentos, violentos ou muito amorosos, mascotes inconvenientes, mortes recentes e *poltergeist* na cozinha. Já aconteceu comigo. Não foi a primeira vez, seguramente não será a última.

Fruto dessas discrepâncias, entre o anunciado e o ofertado, decidi sair do apartamento para caminhar pelo centro. Não parecia uma boa ideia dada a intermitente e tediosa chuva que já durava dias. Era fim de tarde e as ruas estavam ficando intransitáveis, na sua maior parte alagadas com áreas de inundação preocupantes. Lojas e restaurantes fechavam as portas por segurança, enquanto funcionários do comércio e alguns porteiros de prédios, dos primeiros quarteirões da orla, participavam em luta desigual tentando afastar o fluxo das águas com vassouras e rodos. Turistas caminhavam com dificuldade segurando celulares, sapatos, compras e outras mãos com as mãos, alguns achando graça, outros visivelmente preocupados. No meio desse temporal estava eu, numa esquina, na porta de uma padaria, esperando a luz retornar e a chuva acalmar. Foi quando um idoso saiu do local e começou a falar, primeiro sozinho, depois comigo. Apoiou a garrafa de cerveja que carregava sobre uma mesa, sentou e foi me contar detalhes da aventura que vivera no dia anterior em alto-mar. Disse que foi testemunha, junto com outros dois pescadores, da fúria de um oceano embravecido. Não foi a primeira vez que ele viu o céu desmoronar nem a pesca do dia ser devolvida ao mar, mas foi a primeira vez que temeu pela vida. Conforme contava a sua epopeia e as façanhas diárias e tantas vezes anônimas de milhares de pescadores, a chuva forte que caía sobre as marquises e inundava o pavimento parecia menos ameaçadora. Tempestades em alto-mar, tritões e cantos de sereia nos ouvidos de uma

pequena tripulação, teimosa por defender a carga da madrugada, expurgando seus pecados nas águas frias e salgadas do litoral catarinense. Que história! O tom épico do relato foi inspirador. Eu não iria ficar esperando as horas passar numa esquina. Caminharia na chuva, aceitaria a ventania, os charcos na calçada, a roupa molhada e voltaria para o apartamento alugado, incômodo, perturbadoramente assustador. Aquilo era pouco. O monstro Adamastor estava solto assolando a cidade e eu, munido de heroicidade, deveria aproveitar o embalo para escrever. Não aquelas histórias de pescador, aumentadas, porém reais que tanto ouço, senão as singelas cotidianidades resgatadas nas ruas deste país fascinante.

29



Encontro de amigos

CORONEL BAIPOS-RS

—Amigo Saturnino, bom dia! —Seu Chagas, bom dia. O senhor está bem? —Estou bem! —Muito bem? —Só estou bem. Saudades da minha bonita.

—E o amigo está bem? —Estou bem! —Muito bem? —Só estou bem. Saudades do meu amigo.



Sociedade azedada

Soledade de Minas-MG

Todo Matrimônio é uma pequena Sociedade que busca prosperar na base da confiança, de trocas e acordos estabelecidos. Toda família é um pequeno país onde a política e a negociação chegam a ser tão importantes como a sua saúde econômica. Em Soledade de Minas, Ana e Joaquim, apaixonados um pelo outro e pelos sabores da terra, decidiram montar um pequeno restaurante. Formavam uma equipe jovem que acreditava que com dedicação e trabalho é possível vencer na vida. Ela cozinhava e ele lavava a louça. As compras faziam juntos, assim como as contas. Repartiram as tarefas quase que naturalmente, sem muita discussão, e assim ocorreu por alguns anos, até o fim da sociedade. Joaquim percebera, a contragosto, que ninguém elogiava a brancura e limpeza dos pratos ou a transparência alcançada nos copos de vidro. Nenhum reconhecimento pelos garfos brilhantes ou a faca reluzente. Todo esforço investido por eliminar a última gota de gordura no azulejo, ou do guisado na caçarola, ficava na esfera do esperado. Era um serviço necessário, porém invisível, e por ser de natureza ingrata – sem honrarias – permanecia ignorado até que alguém reparasse

o mínimo deslize e acusasse tal descuido como se fosse uma grosseria: Horror! Esta xícara está suja! Por outro lado, Ana, agradecia cada gesto que celebrava sua comida e que aludia apenas às suas destrezas e bom gosto, os sabores deliciosos do cardápio. Contudo, nenhum prato é sempre o mesmo, todos os dias. É difícil alcançar o equilíbrio e a constância em qualquer esfera da vida. Isso vale para toda sociedade, inclusive a dos amantes. Ana sabia que o cozinheiro mais experiente pode queimar por descuido uma simples canjica. Não é fácil controlar todas as variáveis, pelo contrário, existem algumas que carecem de governo, como a sazonalidade ou o caráter. Não podemos evitar, por exemplo, que a mandioca esteja fibrosa, o coxão mole, “duro”, ou mesmo garantir o sabor doce da fruta preferida. Nenhuma sociedade pode promover prosperidade apenas sustentada em boas intenções, nenhum país alcançar a paz sem renúncias profundas, e nenhum casal sobreviver sem o diálogo que os faça superar as turbulências das suas próprias personalidades. Porque em todo matrimônio, assim como na cozinha, nada está garantido. Na pequena Soledade de Minas, às margens da via férrea, um pai e uma filha se despedem. Acontece que o amor, que não entende de separações nem de divórcios entre adultos, nos disse como pequena e breve pode parecer uma vida quando olhamos para atrás sem entender onde foi que erramos, e ficamos diante do único projeto que deu certo, quando te abraça forte e pede por favor, com suas mãozinhas, que nada sabem de países e sociedades, para você não ir embora.



Pedrinhas no sapato

Prado-BA

OS gregos dizem que não nos banhamos duas vezes no mesmo rio. No fluir da vida tudo muda, porque mudar é preciso para sobreviver. Mudar é uma prova do uso. Quem não muda, quem não se transforma em uma metamorfose ambulante, “falece nas suas velhas opiniões formadas de tudo”. Na Bahia, ninguém toma banho duas vezes no mesmo mar, nenhuma praia é a mesma por muito tempo, nenhum amor amanhece o dia sem ter se transformado. O que nasceu como benção terminará em pecado. Por isso, quando Raul Seixas deixou de ter razão a baiana pradense seguiu feliz cantarolando: “se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor”.

A ressaca do mar engoliu parte da praia durante a madrugada, subiu pela areia, mordeu o asfalto. Dizem que o vento forte e as ondas exaltadas se alimentam dos nossos fardos mais pesados, das vergonhas e asperezas. Não era tempo para banho, mas entrei no mar com temporal. Eu que levo e deixo coisas, levei um desejo esperançoso pelo Brasil, deixei os emaranhados e as pedrinhas no sapato. Nessa hora, só a voz de Caymmi para nos fazer lembrar que “o mar quando quebra na praia é bonito, é bonito”.



Estrada do Livro. Monteira Lobato - SP



Preciosa raridade

MONTEIRO LOBATO-SP

"UM FUSCA SOBE A SERRA POR UMA ESTRADA SINUOSA".

Poderia ser esta a primeira linha de uma narrativa sobre fuscas, sobre serras ou sobre estradas sinuosas, mas não é. Apenas é um começo. Na estrada asfaltada que liga Monteiro Lobato a Caçapava, é comum se extraviar em pensamentos, o caminho é gracioso e leva à distração. Ladeada por antigas fazendas de café e por trechos de sombra fechada, que depois da curva se abrem em vistas profundas, é fácil imaginar a vida como ela deveria ter sido, na lembrança do trepidar do motor do velho carro da família, caminho ao mundo mágico das Águas Claras. Mas não é não. Não se trata de uma história de infância, nem das quaresmeiras roxas da Mantiqueira, nem das reinações de uma menina morena cor de jambo. Foi nesta serra, contudo, que encontrei uma preciosa raridade. Me refiro a um olhar com algo a mais: um olhar apaixonado. Tenho visto poucos, se não me engano não mais de três desde que comecei a contá-los. São difíceis de identificar porque se confundem com outros similares, mais próximos à curiosidade, admiração ou desejo. Todo olhar é diferente, como as estradas. Alguns serão mais ou menos

sinuosos por timidez ou vergonha, ou retos como o arremesso de um dardo, atrevidos. Estão os olhares seguros e também os perigosos, os iluminados e os tenebrosos, cheios de segundas intenções, maculosos. Olhares comunicam, como as estradas, mas quando carregam algo a mais e esse tempero leva o sabor do amor, são preciosa raridade.

Aconteceu enquanto tomava café na pousada. Ela caminhava atribulada pelo salão para repor pães e queijos, algumas frutas. Ele, no lado oposto, arrumava distraído xícaras sobre um balcão. Alguns segundos depois tudo mudou. Ele colocava gravetos e lenha no fogão, enquanto ela, paralisada, imersa em uma pausa não programada, deteve o tempo para olhar apaixonada o perfil do companheiro. Era como se depois de tantos anos não se imaginasse em outro lugar, longe desse homem de avental que dava brilho ao seu olhar, frescura e rubor ao seu rosto. “Onde fica o melhor lugar do mundo, se acaso existe?”, perguntei a ela em pensamento para não quebrar a magia. “O melhor lugar do mundo está no colo do bem-amado. Naquele espaço íntimo onde descansa a vida e tudo volta a fazer sentido”, intuí a resposta, segundos antes do encantamento desaparecer e o barulho voltar a tomar conta do salão, nesse agitado e singularíssimo sábado de carnaval. “Um fusca sobe a serra por uma estrada sinuosa”. Agora podemos imaginar o motivo. O mundo deve estar girando mais devagar à espera de algum milagre, na expectativa de mais uma preciosa raridade de amor.



Pereirões no carnaval. Monteiro Lobato-SP



Sobrado no centro da cidade. Diamantina - MG





De olhos bem abertos

DIAMANTINA-MG

Hoje é noite de *vesperata* em Diamantina. A vila se prepara para um concerto noturno ao ar livre. Os músicos desde as sacadas farão os antigos casarões falar. Leo me disse que os sobrados da cidade são um patrimônio especial, que suas janelas são como olhos arregalados e suas portas, bocas famintas, que quando destrancadas se alimentam do burburinho popular. Sobrados brancos e enfeitados de tempos barrocos que se abrem para a rua e em *vesperata* observam a chuva e a cachaça molhar com a mesma intensidade. Deve ser verdade. Uma refresca, a outra queima, mas as duas são amadas ou odiadas, seja pela alegria ou desgraça que provocam indistintamente. Leo é um homem sério e educado, de palavras largas, do tipo antigo, gentil, daqueles que nos recebem dizendo: “Bem-vindo. A casa é sua!” Falamos de arquitetura, de igrejas mineiras, de energias. “Você precisa ter cuidado”, me alerta. Porque o mal não faz curva, viaja em linha reta, voa como seta de um ponto a outro, como se fosse um olhar que se dispara, que nasce de quem observa e atinge o alvo na distância. “Tenha cuidado com as pessoas!”, repete preocupado. Basta ver as portas das igrejas, por exemplo,

costumam ser três na fachada principal, o Filho e o Espírito Santo aos lados, e a porta do Pai ao centro, maior, mais alta, às vezes protegida por uma barreira que força a entrada pela lateral; nas igrejas mais antigas se diz que é por causa do vento que com frequência apagava as velas que iluminavam o interior. A porta do Pai é o caminho direto da rua até o altar. Se o mal anda reto basta obstruir sua visão, assim protegemos nossos maiores tesouros. —E você, como se protege? Pergunta, estarecido, enquanto arregala os olhos como um antigo e mágico casarão.

34



Aula de semântica

SANTO ANDRÉ-SP

PASSAVAM DAS 22H quando um homem entra num bar perto do cemitério do Curuçá, se aproxima da balconista e pede em bom-tom uma xícara com chocolate quente e canela. A jovem atendente fica pensativa, mas na dúvida pergunta, baixinho: “O senhor quer é cachaça com limão, né?”. O homem assente com a cabeça e acrescenta: “É, minha filha. Espreme uma canela no meu chocolate que já vou indo. Hoje é segunda e devo voltar cedo para casa”.



Quiromante

ReSeNde-RJ

No poste, UMA Mensagem de esperança. Sem delongas, a promessa de trazer de volta a pessoa amada. Mais abaixo, entre parênteses: búzios, baralho cigano e tarô. Em negrito, as palavras garantia e seriedade reforçam que o fim do desamor está a uma ligação de distância. Um número de WhatsApp e dois corações entrelaçados finalizam o recado. Estou em Resende. Passei tantas vezes por aqui, pela Dutra, rumo ao Rio de Janeiro, que caminho pelo centro como um velho morador que mal conhece seus vizinhos. Para aprofundar a relação, decido andar pela cidade, subir e descer ruas, virar esquinas, observar e ler com atenção, desde anúncios de compra e venda até frases de ódio ou amor, ora fixados, ora pichados, incluso mensagens de duvidosa ajuda penduradas em árvores e postes. Cada passo pode parecer premeditado, mas as ruas por onde andamos nos conhecem, são elas as linhas na palma de uma grande mão. Será por isso que estamos na mão de quem nos domina ou na palma da mão de quem nos conhece demasiado? Quem me dera ser lido na palma da minha cidade e que possa ela ouvir do hábil quiromante que logo me terá de volta, finalmente nos braços dela.



Café com leite

Santa Bárbara-MG

Se em algo as padarias ainda não coincidem é na preparação de um pingado. Trata-se de um pingo de café no leite ou de um pingo de leite no café? Aqui em Santa Bárbara, para evitar confusões, é melhor pedir um café com leite, claro ou escuro, e assim evitar tropeçar no caminho mal sinalizado das interpretações. Apesar disso, pode acontecer que o que chegue até sua mesa seja outro produto, com mais ou menos leite, mais ou menos café, sem café ou mesmo sem leite. Aconteceu comigo. A poucos quarteirões da Matriz de Santo Antônio, encontrei um lugar onde pedir um café com leite quente, mas o que recebi, de forma acidentada e bastante demorada, foi um chá de carqueja frio. Pedi para revisar o pedido e no ínterim da troca escutei do balconista, em tom de justificativa, que o rapaz que me atendera ainda era aprendiz. Conhecido pelos colegas como “café com leite”, era bem-intencionado, mas um pouco esquecido e bastante atrapalhado com quantidades e ingredientes. Estava explicado, um café com leite servindo outro café com leite não iria dar certo, não nesse momento, mas seguramente sim no futuro. É pelo talento, mas sobretudo pela persistência que a maestria e o

bem-fazer afloram. Foi assim na Igreja Matriz de Santo Antônio e em cada povoado das Minas Gerais onde se levantou uma igreja barroca. Nessa época, as vilas mais importantes do período do ouro mineiro recebiam fluxo contínuo de mestres e encarregados, servos e aprendizes com saberes e destrezas artísticas desiguais, alguns praticantes, com ou sem vocação para o serviço, e aventureiros. Todos aprendendo, construindo e enfeitando igrejas e capelas, acertando, mas errando e atrasando a jornada também. Porque, nem Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, nem Manuel da Costa Ataíde, estudaram em escolas de arquitetura, pintura ou escultura. Tudo se aprendia observando, perguntando, copiando, praticando, ficando junto de quem sabia. “Nada disso! Começa fazendo nuvens para depois pintar a Virgem”, teria respondido o artesão responsável para um jovem Ataíde, ansioso por retratar a “Assunção de Nossa Senhora” ou a “Ascensão de Cristo”, obras primas que pintaria anos mais tarde, em Ouro Preto e aqui em Santa Bárbara. O grande mestre começaria lixando pilastras e colunas, e retocando rodapés até acertar o contorno da nuvem e o perfil do anjo mulato, antes de receber a primeira encomenda de pintura decorativa de forros e naves, entre as que estariam os tetos dos santuários mais importantes e visitados.

O legado dos grandes artistas é a prova de que não devemos nos incomodar com os nossos erros do tempo do café com leite, porque dentro de todo grande mestre ainda habita o aprendiz que um dia o libertou.



Calçadão na avenida Atlântica, Alcobaca-BA



Jovens tardes de domingo

ALCOBAÇA-BA

NO TEMPO DAS MEMÓRIAS DE DONA ZENILDA,

Alcobaça era uma cidade de poucas ruas alinhadas com a orla do mar, bonitas casas de veraneio e um centro histórico dos tempos do arraial. A vila se estendia desde a barra, onde o rio se encontra com o mar, até o farol, mais ao norte. Os caminhos eram longos braços de terra e areia sem calçamento que, uma vez por outra, encobriam casas e praças como se praia e cidade fossem uma coisa só e Alcobaça mudasse de forma depois de cada ventania. Nessa hora, seus moradores examinavam se era a mesma ou acaso outra cidade que surgira no lugar, ou se eram eles os mesmos, ou seus vizinhos e amigos os de sempre. Nessa terra de mudanças, nada estava garantido, nenhuma permanência era segura. Por isso, era preciso viver a vida tão intensamente, crescer tão rápido, amar tão forte.

Antes dos meses de verão, a vila preparava suas casas para o aluguel. Se retiravam as folhas acumuladas, se abriam as janelas e limpavam as varandas; se pintavam as fachadas para os que viriam. Eram os de sempre, acostumados ao clima cálido e a festança na praia, mas aconteciam surpresas, famílias que chegavam desde mais longe, com

sotaques carregados, com roupas e costumes da capital ou do interior, pessoas bonitas e feias, gente mais velha, mas também a molecada. A cidade ficava pronta para receber os visitantes e para tal, a antiga sorveteria se renovava, aparecia mais um pipoqueiro na esquina, um cantor, uma dupla de repentistas, mais um carrinho com churros e algodão doce colorido, alguém vendendo maçãs do amor. Corriam os anos 60 e Niu, a nossa dona Zenilda, era uma adolescente que ouvia Roberto Carlos na praça e passava suas jovens tardes de domingo sob o embruxo daquele misterioso lugar, onde o vento ventava e a chuva chovia, sob as mesmas grandes árvores frente à igreja de São Bernardo, onde se entrecruzavam olhares e surgiam novos encantamentos. Olhares acanhados e tímidos na praça, num verão de diários domingos de juventude, foram a felicidade que Niu procura na saudade. Um violão de seis cordas, a serenata na praia, as paqueras e os amigos reunidos ao entardecer, sem as tantas preocupações que o futuro traria, faziam esse mundo girar em torno ao ir e vir do mar, à espera do amor correspondido. E quando esse amor vingava, o certo era correr até o farol para escrever seus nomes e bordá-los dentro de um coração. Para as meninas e meninos de Alcobaça, as paredes do farol eram o registro civil dos amores infinitos e da juventude eterna. A maresia, o sol e a chuva forte, descoloririam os desenhos mais antigos gravados sobre a cal, enquanto outros, de triste sorte, terminariam reduzidos a rabiscos raivosos ou desiludidos, feitos pelo desamor ou por um novo que surgira.

Quando amanhecia o dia, os pescadores estendiam suas redes cheias na areia. A pesca da madrugada e os meros de mais de metro eram vendidos em cantoria, reunindo interessados e curiosos. As redes revelavam a riqueza do mar de Alcobça, e alguns tesouros resgatados das profundezas: garrafas com mensagens indecifráveis, madeiras podres de naufrágio, relógios oxidados, bens perdidos que voltavam ao encontro de quem ainda os procurassem. As barcas fatigadas ficavam tendidas na praia, em merecido descanso. Quantas delas foram também sombra e esconderijo para o amor furtivo! Mais afastadas, as barracas à beira-mar viviam seus próprios festivais. Os artistas e seus violões cantavam as músicas da época, as do repertório e as dedicadas à mocinha e ao *mozão*, que chegavam num papelzinho escrito a mão. Sobre as mesas, as fartas travessas de guaiamum, catados de siri e as moquecas de badejo com dendê e camarão, cuscuz de leite de coco e carne de sol com macaxeira. "Comíamos com as mãos, andávamos descalços, vivíamos sem tempo", comenta Niu. "Era a coisa mais linda do mundo, meu filho. Tudo parecia de verdade: os amigos e também os namorados. Como não ser feliz assim?". "Hoje meus domingos são doces recordações, o que foi felicidade me mata agora de saudade", cantarola dona Zenilda, a nossa Niu, errando e acertando a letra, como se voltasse a viver os dias de juventude, antes da ventania do tempo encobrir essas recordações, mudar tudo de lugar, e desvanecer o sonho, transformando a vida em realidade.



Praia do Farol. A Icobaga-BA



Barca de pescador. A Icoaba-BA



Os antigos guaranis

São Miguel das Missões-RS

ESPIRITOS DE INDIOS ANTIGOS correndo por entre as matas? Quem consegue ouvir seus cantos? Quem são eles? Dona Alzira tem 84 anos e nenhum cabelo branco. Foi a mãe quem definiu sua vocação e lhe ensinou os mistérios da cura. Atendiam igual aos que chegavam com fé e aos descrentes. O legado familiar e os saberes aprendidos no ofício modelaram a mulher que é. Primeiro, mateira de remédios naturais e garrafadas, pois conhece de ervas e dos poderes das folhas, dos frutos e das raízes, das flores secas e frescas. Depois parteira, do tipo que não fazia desfeita, ao meio dia ou à meia-noite. "E hoje?", pergunto. "Benzedeira, como minha mãe", e disse cumprir a promessa de nunca fechar as portas e recitar a oração demorada que aprendeu dela. "Morreu aos 112 anos", comenta enquanto abre a janela e me pede para olhar. "Dessas matas já vi tudo o que elas quiseram mostrar", e fala das ruínas da igreja jesuíta de São Miguel, dos antigos guaranis, das reduções vencidas e destruídas, da ganância e da avareza, dos mortos e suas lutas, mas também fala em perdão. Porque os que correm por entre as matas e deixam ouvir sua voz não querem saber de guerra, apenas pedem amor.



Ruínas da igreja São Miguel Arcanjo, São Miguel das Missões-RS



O fim do sofrimento

Teixeira de Freitas-BA

Era uma Magnífica Foto, mas não tive coragem. Há milhares de não fotos, não tiradas, que permanecem na minha memória. É melhor fotógrafo quem dispara com a lente do respeito e preserva o espaço individual que aquele que toma o que não lhe pertence e o exhibe em troca de qualquer mérito. Na imagem perdida, duas mulheres e um carrinho. A mais jovem parece não ter mais de trinta, a outra é uma senhora maior, talvez pouco menos de sessenta. Vestem roupas claras, saias compridas e blusas do tipo cigano de mangas longas com bordados e rendas. Estão visivelmente cansadas. Disputam a pouca sombra de uma árvore magra que cresceu teimosa naquele trecho baldio, ainda longe da cidade. A mais jovem abana uma revista e crava os olhos nas pessoas que descem do ônibus. A outra, sacode a poeira trazida pelo vento, incomodada com o cabelo no rosto. Apoiado no carrinho, um cartaz com a frase: “Quer acabar com o sofrimento? Pergunte-me como!” Fico interessado. Abro um pouco a janela, o suficiente para perguntar: “Vocês sabem mesmo?”. Sorriem simpáticas sem tempo para mais. O ônibus está de novo na estrada deixando essa resposta para trás.



De mãos dadas

OLINDA-PE

ELES estão de Mãos dadas, não sei se chegando, não sei se indo embora. Parecem ter a mesma idade, perto do tempo em que é melhor abandonar as contas. Ele se mostra gentil, se inclina querendo cumplicidade, se entrega romântico. Ela, mais velha, responde com algo que se assemelha a um sorriso, mas não é. Ele murmura, faz gestos com as mãos, fala com os olhos, está interessado. Ela prefere o silêncio, se perde em distrações, parece cansada. Ficam juntos, de mãos dadas, mas estão tão distantes. É um encontro na escadaria da Sé, em fim de tarde. Entre eles, a igreja barroca, a praça e o artesanato. Ao fundo, o mar entre nuvens e o cais do Recife, no horizonte. O casal sem nome que encontrei poderia bem batizar a terra onde moram. Ambos partilham o tom da pele, respiram do mesmo ar, salgam os pés no mesmo mar, são feitos do mesmo barro. Ela é filha de conquistador português e ele de aventureiro holandês, mas amam a mesma mãe brasileira. Recife e Olinda se tomam das mãos em tarde quente, se olham os rostos como antigas conhecidas que silenciam segredos. Ele parece estar apaixonado. Quem não estaria!



Cantoria de cana

SÃO LOURENÇO-MG

Foi UM VENDEDOR DE CALDO DE CANA quem me indicou o hotel em São Lourenço. Coincidimos na mesma esquina da av. Dom Pedro II, mas foi sua extroversão e a cantoria que quebraram o silêncio. Eu acompanhei cada frase com acenos de cabeça, respeito e admiração. "Gostou da minha terra?". "As águas são milagrosas!". "E a comidinha mineira? Disse mostrando orgulho. "Tudo feitinho na lenha". "Tem truta e doce de leite, café doce e queijo magro". Fez três segundos de pausa, pensei que havia terminado, mas foi só para ligar e desligar a moenda. Lançou previsões sobre a chuva e o calor, falou de política e até de traições no amor. "Este caldo é uma delícia". "Tenho coco bem docinho e três tamanhos de copo". "Limão cravo ou do galego?". Usei da brecha e respondi que a mala não era de ir, mas de chegar, que gostei do que vi, mas que queria nessa hora encontrar onde dormir. Disse que já bebi dessa água e que uma boa chuva seria milagre bom de se pedir. Que na política há traição e é pelo ralo do pecado por onde escapa o amor. A truta fica pro almoço, melhor garapa que coco. O calor está que queima, pode pôr limão no copo, e pelo tamanho da sede, que venha grande, não pequena.



Teleférico sobre o Parque das Águas. Caxambu-MG



Fazer por merecer

VILA VELHA-ES

PROMETI SUBIR A ESCADARIA DOS ESCRAVOS e estou pagando a dívida. É tão agradável que acredito que não conte como promessa, não das convencionais que implicam sacrifício. Quem sabe qualifique como uma promessa moderna, aquela em que oferecemos momentos felizes e alegrias em troca de mais momentos felizes e alegrias. Seja como for, estou chegando ao santuário que fica na parte alta do penhasco da Penha. Ainda tenho tempo para refletir antes de cair em distrações, como sempre ocorre, pelas vistas contemplativas e as paisagens de mar e montanha que emolduram a chegada. Falta pouco e tenho curiosidade. Lugares sagrados são assim, pensamos saber o que iremos encontrar, mas nunca sabemos exatamente. Converso ao longo do percurso com uma senhora que disse subir frequentemente, sempre a pé, sempre com um propósito em mente e um pedido, melhor se sua realização implica renúncia e demanda esforço. Me disse que uma boa romeira deve ser uma boa pagadora de promessas, que toda dívida deve ser quitada, toda bênção agradecida e todo favor retribuído. “Faca por merecer!”, me aconselha no último degrau, ao final da penitência.



Interior do Convento da Penha. Vila Velha-ES



Terra arrasada

SANTO ÂNGELO-RS

Na praça central, as ruínas da antiga redução jesuítica se assemelham a árvores cortadas desde a base. São como tocos de madeira petrificados de uma antiga floresta. Os sete povos das missões, aqueles que se instalaram como aldeamentos indígenas ou reduções na margem leste do rio Uruguai, foram destruídos violentamente. Essas terras, antes espanholas, passariam ao Brasil, sob domínio português. Foi um acordo pacífico e estratégico de disputas territoriais entre as duas coroas europeias, mas provocou uma guerra de resistência que as enfrentaria com a antiga nação indígena americana. Foram mulheres e homens guaranis os que plantaram essa floresta, há mais de trezentos anos, e foram eles também os que decidiram cortá-la. Já haviam sido atacadas, incendiadas e saqueadas por forasteiros e aventureiros oportunistas. A guerra estava perdida. Se a antiga prática de queimar as colheitas representava negar ao inimigo o alimento da subsistência, destruir tudo que possa ser proveitoso para o invasor é singular mensagem. Arrasar a terra, continua sendo, até os dias de hoje, uma forma de dizer para além das palavras. Trágico, dramático, mas extremamente atual.



Ruínas da antiga Redução de Santo Ângelo Custódio, Praça Pinheiro Machado e Catedral Angelopolitana, Santo Ângelo - RS



Igreja do Bom Senhor de Matozinhos, Serra-MG



Uma segunda oportunidade

Serro-MG

NINGUÉM VIVE SÓ DE PAÇOCA E RAPADURA, quem poderia? Acaso só de tutu e torresmo? Aqui no Serro estão os que vivem pelo amor ao queijo, e ainda bem, pois fizeram dele patrimônio imaterial, um tesouro consistente que bebe do leite cru e da coalhada para dar forma a essa nobre massa de crosta fina amarelada, úmida e ácida na medida certa. O temperamento do queijo Serro ganhou nome, mas opacou o brilho de outros tesouros menos conhecidos e tão nobres quanto, dos arquitetônicos aos históricos. Cada vez é mais difícil dizer onde começa o queijo e onde a cidade, o que está dentro e o que fica fora. Na cafeteria da praça, escuto, entre outras coisas, que o pão de queijo para alcançar bom tamanho demanda amor e temperatura. Me dizem que a textura e o sabor dependem do tipo do queijo utilizado, tanto melhor se for minas artesanal e de um produtor local. “E se for recheado?” Pergunto olhando para uma bandeja de iguarias na vitrine. “Recheado com queijo do Serro de preferência”. “E para os valentes?”, insisto baralhando opções. “Pão de queijo recheado com carne na lata, conservada em banha, tradição familiar, coisa boa, costume de antigamente”.

Não consigo anotar as receitas, mas no panteão da culinária mineira todo sabor está ligado de alguma forma com a história. Dizem que o feijão ferrado, sustento dos caminhantes, veio dos ranchos tropeiros; que o caldo verde mineiro nasceu pobre na senzala como bambá-de-couve; e que o ora-pro-nobis, antes de refogado, crescia em folhas no quintal de um padre rezador. Nunca fui, mas sei que já ganhou até festival em Sabará, também nas Minas Gerais. Como ninguém nasce sabendo, é raro recriminar a quem entre fogões salgue demais, tempere de menos, ou queime. Ver como os outros fazem, copiar e aprimorar, tentar mais de uma vez até aprender. Na mesma cafeteria escuto uma idosa refletir sobre isso. Ou seja, sobre o nosso íntimo convívio com a comida e sua preparação, que é quase um receituário da própria vida. Afinal, “A vida está cheia de segundas oportunidades”. Talvez não tenhamos a chance de acertar de primeira, o erro é de natureza comum. Por isso, se viver é repetir receitas, pode ser que quando tomamos com carinho e firmeza as mãos de um outro alguém toquemos todas as mãos que não acariciamos, que soltamos apressurados, que desviamos envergonhados ou que empurramos negligentes, para assim poder finalmente reparar esse pedaço de vida. Porque ao beijar e abraçar uma única pessoa abraçamos e beijamos, nela, a nossa própria história que ainda espera pelo gesto correto. Aquela nova pitada de sal, poderá salgar demais ou ser insossa, mas é a redentora e cíclica oportunidade que a vida nos oferece em forma de uma segunda oportunidade.



Praça João Pinheiro, escadaria e Igreja de Santa Rita. Serro-MG



Discurso de uma vida longa

ARACAJU-SE

ALCIDES FUI batizado, FILHO de DONA Bebê, e juro por esta terra que haverá de me comer que se eu tivesse morrido, menininho, antes dos treze, teria ido pro céu sem ninguém me questionar. Mas tive de padecer, Deus me segurou na terra e as certezas acabaram. Certeza mesmo, nunca tive, mas por ter vida devassa e laxa nos compromissos, quando chegar a minha hora, coisa boa não me abraça. Amor mesmo, os de menino, depois apenas paixão, coisa enrolada e pesada, tretas, desilusão. Se a vida que vivi não for boa de lembrar e o destino me mandar para um lugar penitente, não foi falta de bondade, o que mais fiz foi oração, Santo Antônio conhece as faltas, mas também minha devoção. Meu problema? Vida longa! Com tanto tempo pra errar foi fácil perambular, escolher outros caminhos. Fui boêmio e beberrão, mas muito trabalhador e chega de confissão que a esta altura da vida, quando o passado é comprido, de nada vale sofrer, de nada serve chorar, agora é questão de assumir e ter peito pra enfrentar. Mas se eu tivesse morrido sem tempo para viver não teria acontecido ser um velho pecador. Será que eu iria pro céu? Diga-me você, por favor, que parece tão sabido.



Mulher nova, bonita e carinhosa

RIO DE CONTAS-BA

"VIRGULINO FERREIRA, o Lampião, bandoleiro das selvas nordestinas, sem temer a perigo nem ruínas foi o rei do cangaço no sertão". A música tem algo de hipnótica. Talvez seja o chiado da agulha sobre o disco ou seu patinar sobre os sulcos gastos do vinil. Ouço as estrofes desde uma sombra arrancada da fachada do Santíssimo Sacramento. O sol da chapada parece mais forte provocando pausas no convívio entre locais e visitantes. A praça da Matriz está vazia e nessa hora de ausências surge o retrato de um mundo sem ninguém. É a criação sem criaturas: o conjunto arquitetônico e o calçamento colonial, os prédios de pedra e as janelas brancas das suas casas coloridas. Em luta desigual, a paleta somente perde com o azul-celeste de um céu limpíssimo, nordestino. Indiferente a elucubrações, um cachorro decide atravessar o largo e cortar caminho pelos jardins. O vira-lata revisa os cheiros do dia, marca presença e corre ligeiro até a sombra projetada por um beiral. Uma fileira de telhas em tons de ocre oferece cobertura ao inquilino que se deita preguiçoso, vencido pelo calor e pelos acordes que tomam conta do ambiente. Nada mais ocorre nessa hora.

"...mas um dia sentiu no coração o feitiço atrativo do amor. A mulata da terra do condor dominava uma fera perigosa. Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor". Consigo completar o refrão adivinhando o final. O vento bate na estrutura que sustenta as cornetas e abafa o som misturando as palavras. A praça continua calcinante, inabitada, tensionada entre êxtase e letargo. Virando a esquina, uma cafeteria surge avessa a tanta solidão. Está movimentada. Sobre a bancada, uma porção de pedaços de folhas de cactos temperada. Perto da porta da cozinha, um burburinho celebra a chegada de uma travessa de pães de queijo gigantes. Dentre as mais falantes na fila está dona Laura, conhecida minha desde o café da manhã. Não gosta de pães de queijo bonitos. Para ela, enquanto mais feios mais gostosos. Conversa de forma distraída, mas não desvia o olhar do pão mais deformado e "queimadinho", que reclama para si. "Me lembra meu marido", e solta uma gargalhada, divertida. Alguns segundos depois, complementa: "É Amelinha", respondendo à pergunta que eu fizera sobre a música na praça. "Mas é do Zé Ramalho; homem velho, feio, mas saboroso, como um pão de queijo". Porque para ser gostosa e dar prazer sem dor, basta ser carinhosa. "Quem preza pela juventude e a beleza, passageiras ambas, não conhece as manhas das *veias* nem os truques das feias para aprimorar o tempero. Novinhas e bonitinhas não sabem dar sabor, quiçá uma boa dor de barriga". Dito isso, dona Laura encerra o discurso com uma mordida jocosa e experiente, recheada de razão.





Bate-bola

Águas de Lindóia-SP

–Um desejo repetido?

Sair bem na foto.

–Uma surpresa?

Descobrir que as estrelas não são bicudas.

–Uma desilusão?

A casa da minha infância não era tão grande como imaginava, nem meu pai tão alto.

–Um agradecimento?

A quem me mostrou que é possível viver um grande amor depois dos setenta.

–Uma benção?

Poder consertar um erro.

–Uma oportunidade?

Acordar pela manhã, dia após dia.

–A maior felicidade?

Acordar pela manhã, dia após dia, e ter alguém querido ao meu lado.

–O maior presente?

Nascer em Águas de Lindóia.

–Um sonho frustrado?

Não ter conseguido sair daqui.



Couro de lobisomem

JOANÓPOLIS-SP

ONOFRE NASCEU NA COZINHA DA CASA DOS PAIS de olhos bem fechados, e ficou assim por vários dias. Chorar, chorou, mas só na hora de nascer, que foi como sinalizou seu ponto de partida na vida. Dizem que veio ao mundo numa sexta-feira, franzino antes do tempo, com cabelo escuro e pelugem pelo corpo. O cenho sempre contraído e os olhos apertados como em punho pareciam alertar que aquilo era um sinal de mau agouro, como teria dito mais de um vizinho supersticioso. Indiferente, o pequeno Onofre não estava interessado em agradar ninguém e decidiu ficar de olhos fechados a contragosto de todos. Por outro lado, sabia como ninguém compensar a preguiça de um sentido com a voracidade de outro. Onofre não dava sossego para a mãe, de modo que mandaram chamar de Piracaia uma mulher com filhos pequenos para ajudar a amamentá-lo. A ama-de-leite chegou sabendo bem da situação que enfrentaria, não só a fome desproporcionada da pequena criatura, como também sua falta de curiosidade com o mundo. A mulher chegou a pingar do próprio leite e esfregar os olhinhos do menino com água benta e mel, mas nada. Por sorte, Onofre era o quinto filho

do casal e não o oitavo, detalhe que pela superstição o excluiria da sina do lobisomem. Mesmo assim, e a título de precaução, seu corpinho já havia sido esquadrinhado à procura de algum sinal perturbador. O menino tinha apenas um excelente olfato e muita fome, fora isso, nada com que se preocupar. Tanto que um dia, de maneira inesperada, o bom Onofre abriu os olhos pela primeira vez e celebrou o fato com uma boa gargalhadinha. Contudo, para afastar qualquer dúvida, passaria ainda pelos testes da lua cheia e do mingau de galinhada. Não, lobisomem não seria, mas com o tempo quem sabe caçador de algum dos condenados infelizes que roubam as galinhas das casas mais afastadas e perambulam uivando pelas matas e beiras de rio de Joanópolis e região. Mas não, tampouco deu para isso, mesmo depois de tantos anos de pesquisa, de tantas trilhas e caçadas noturnas em busca do lobisomem, nenhum relato surpreendente, fora o seu divertido nascimento e os causos decorrentes dos longos dias de teimosia. E embora Onofre não tenha conseguido pendurar nenhum couro de lobisomem na parede, e com a idade tenha desistido de brincar de caçador, ele e meia cidade de Joanópolis são capazes de contar as melhores histórias reais e inventadas sobre lobisomens e aparentados e, ainda, marcar no mapa a casa dos suspeitos e rir divertidamente dos autodeclarados, que dizem sofrer do encantamento, inclusive os que em noite de bebedeira relatam ter encontrado na estrada o filhote e a fêmea da assombração. Não seria de estranhar, de dia eu também vi.



Bonecos de mãe e filho lobisomem em loja de artesanato. Joanópolis-SP



Um pouco de paz, por favor

Não-Me-toque-RS

QUAL teria sido o **IMPULSO** que levou ao primitivo ser humano das cavernas a formular suas primeiras frases compostas? Acaso sua necessidade em expressar fome ou frio ou a urgência em dizer “te amo” ou “te odeio”? Em Não-me-toque, espero o horário do ônibus para Carazinho junto a um casal de pais que celebra as primeiras palavras ainda confusas da sua bebê. O casal está com uma menina em braços vestida de pequena holandesa, descalça, sem os típicos tamancos em madeira. Fazem caretas, arregalam os olhos, balançam os braços, abrem e fecham as mãos, imitam as palavras soltas da menina como um eco. É um casal simpático, mas a bebê parece incomodada, mesmo assim não chora, só intenta desesperadamente falar. Fica claro que as primeiras palavras de uma criança estão carregadas de significado. Não são apenas substantivos ou adjetivos que nomeiam ou descrevem coisas ou pessoas, mas frases complexas e longas contidas em uma palavra apenas. É a síntese na sua máxima potência aprisionada pelo não poder dizer, ainda. O choro veio na sequência. Deve ter sido frustrante não ter conseguido dizer, em Não-me-toque, que às vezes precisamos só de um pouco de paz, por favor.



Tamancó holandês no canteiro central da av. Alto Jacuí. Não-me-toque-RS



Paraíso semiárido

São Desidério-BA

Já pensou o jardim do Éden na caatinga? Sai a cobra traçoieira entra o macaco-prego, bem mais esperto e divertido. Substituímos a árvore da vida por uma palmeira de carnaúba, a maçã pelo buriti e as uvas pelo caju e a mangaba. Sem parreiras, cobriremos as vergonhas com cascas de braúna e flores de umbuzeiro, ou folhas de xique-xique para os mais arretados. Azulões e pintassilgos em vez de perdizes e pavões, calangos em vez de flamingos, onças-pintadas por leões. E os mandacarus? Estariam sempre *fulorados*. As flores do cardeiro conseguiriam magicamente não murchar depois da primeira noite. Na parte mais profunda do jardim, se acaso a menos explorada e distante das margens fronteiriças, estará o bosque das barrigudas, primas das que enfeitam o jardim do Éden africano, onde os baobás são os grandes senhores. Nessa região de natureza mais ríspida, as barrigudas escolhem entre ter folhas ou flores porque no semiárido, mesmo no paraíso, não se pode ter tudo ao mesmo tempo. Seria, como é, um jardim ensolarado, mais amarelo do que verde, mais seco do que úmido, muito azul. Um jardim do Éden inteiramente brasileiro e solitário.



Barriguda no parque municipal da Lagoa Azul, São Desidério-BA



Santas de vida fácil

São Borja-RS

AS igrejas barrocas de Minas Gerais ainda eram recentes quando o nome de Xota-diabos começou a circular pela região. Suas lutas corporais com o demônio, que viravam madrugadas, só não foram mais celebradas do que a fama da escrava africana que libertou e tomou como amante. A pequena criança que chegou ao Brasil separada dos pais foi batizada com o nome cristão de Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz. Em linha anexa ao registro, a história popular agregaria os adjetivos de negra, escrava, prostituta e santa. Não seria Rosa Maria a primeira santa profana da história da humanidade nem a última injustiçada. É porque em tempos de escravidão a depravação sexual era prática comum, e o abuso e a exploração de crianças e mulheres africanas traficadas, fato público corrente. Não cabia, nem estupro, nem punição. Quinze anos de violências e doenças na condição de escravizada, em região mineradora abarrotada de homens aventureiros, fizeram de Rosa uma meretriz da época, quase um objeto de uso e descarte. Anos mais tarde, já redimida e como companheira do padre exorcista, era acoçada por sete demônios que desacordavam seu corpo e a faziam falar de modo grosso e obsceno, mas uma vez

recuperada a lucidez, recordava visões celestiais e revelações fantásticas que recebera no céu, enquanto seu corpo era atormentado na terra. Rosa Maria nunca teve vida fácil, nem sequer quando o povo a chamava de santa nas ruas, nem depois quando foi presa e levada ao Tribunal da Inquisição para responder pelos crimes de heresia. Vida fácil também não teve, quase dois séculos depois, Maria do Carmo, chamada aqui em São Borja de "santa profana". Para alguns era apenas uma jovem feliz e namoradeira, para outros uma mulher de vida fácil, assassinada por um amante ciumento. Provavelmente hoje, cem anos depois desse crime, uma jovem alegre, como tantas outras, que gosta de festas, de beber com os amigos e namorar, não seria condenada tão rigorosamente pela história nem tampouco santificada em panteão popular, como aconteceu com Maria do Carmo. Ocorre que em São Borja, quem conhece de amor e desamor não é Santo Antônio, puro e casto em demasia como para lidar com as tretas da paixão e seus emaranhados. Quando as palavras não conseguem traduzir integralmente o tamanho do desejo e a vergonha passa a atrapalhar a comunicação com o divino, nesses casos, o local da oração e do pedido urgente se traslada da capela ao mausoléu. Maria do Carmo sabe onde aperta o coração e o sabor de cada lágrima derramada, não por ser branca, negra, prostituta, santa ou profana, mas porque foi vítima como Rosa Maria e tantas outras Marias brasileiras, que ainda correm pela vida sozinhas e assustadas para não ser alcançadas pelo machismo e o preconceito.



Capela branca de Santo Inácio de Loyola. Caldeirão de Santa Cruz do Deserto-CE



O boi Mansinho do Araripe

Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. Crato-CE

Reza a Lenda que Padre Cícero, político e religioso, proclamado nas serras do Cariri como santo popular, tinha profundo apreço por um jovem beato de nome José Lourenço, a quem decidiu dar-lhe um boi de presente. O beato, que era de perfil messiânico, havia arregimentado milhares de sertanejos da região do Araripe para iniciar uma comunidade penitente encorajada a obter a salvação pela fé e o trabalho coletivo. Os abdomens proeminentes, porém, vazios; os rios largos e secos; a terra infinita, mas alheia; tudo sinalizava, na rústica religiosidade da época, o prelúdio do fim dos tempos e a esperança pelo advento do reino de Deus. O juízo final começaria na Igreja do Horto em Juazeiro do Norte e no sítio do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Crato, local onde o beato chegou a reunir uma comunidade com mais de cinco mil camponeses e retirantes vivendo da fé, da lavoura e da autoprodução.

Dizem que o boi presenteado recebeu o nome de Mansinho e foi visto desde sua chegada como milagroso, uma benção tangível da santidade do *padim ciço*. Mansinho passou a ganhar honrarias, vestir grinaldas de flores frescas e receber generosas oferendas de farinha e rapadura.

A vida quando se espera a morte costuma ter ritmo lento, mas os boatos sobre Mansinho alcançaram dimensão inesperada, provocando rumores e fofocas que correram ligeiras pela região. Circulou a notícia de que o boi era adorado como um deus pagão, que com seus pelos curtos eram trançados, em demorado exercício, amuletos de proteção e patuás. Que de suas unhas e chifres eram retirados fragmentos para preparar um poderoso rompedor caseiro chamado de “lambedor”, além de banhos de descarrego e repelentes para afastar o maligno. Se comentava, ainda, em tom acusador, que aquele povo, desvairado e doente, acreditava que a urina do boi, servida em jejum e tomada morna, era eficaz remédio contra os males do corpo e os flagelos da alma. Seu Raymundo não poupa detalhes dessa história enquanto abre a porta da capela branca dedicada a São Inácio de Loyola e acrescenta que dessa próspera comunidade, que produzia quase tudo que precisava e que foi mudando até encontrar no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto sua terra prometida, não restou quase nada, tão só a capela, um memorial e um vento forte e quente capaz de varrer qualquer lembrança. Para o sertanejo empobrecido, encurralado entre o cangaço e o trabalho semiescravo nos latifúndios, sobrava apenas a saída pelo misticismo como forma de escapar da morte antes de tempo. Mas aquela comunidade fez muito mais do que reunir milhares de sertanejos buscando alternativas de salvação. O Caldeirão interferiu nos interesses e proventos também de quem não morava lá. Abriu uma nova rota de

fluxo religioso e romarias, não reconhecida pela igreja, e esvaziou a lavoura abusiva e os barracões nas fazendas dos poderosos senhores da terra. É provável que tenha sido essa a razão que deu origem a boatos tão maledicentes a ponto de transformar humildes camponeses em fanáticos adoradores de bois e, depois, em profanos, revoltosos e agressivos vândalos capazes de invadir e saquear cidades vizinhas. Seu Raymundo respira e faz uma pausa antes de continuar seu relato. Com quase oitenta anos apenas sua indignação permaneceu intata com o passar do tempo.

As regalias do boi Mansinho e sua fama de deus pagão podem ter sido uma exageração fabricada, mas é certo que aquele povo que trajava de preto e vivia em oração esperando o fim do mundo não errou em suas predições. Não se enganou a respeito da vida breve, nem da miséria humana, nem do desfecho final que acabaria com tudo. Mais de 1200 sertanejos testemunharam a chegada do apocalipse em forma de luzes e estrondosas explosões, mas quem conseguiu levantar os olhos para o céu e pedir clemência a Deus, aos prantos, não viu anjos redentores com espadas de prata, nem tribunais celestiais, nem cavaleiros da morte cavalgando entre nuvens pela chapada do Araripe. Não era a batalha final do livro das revelações com o fim da tirania e a dor, nem sequer a glória do julgamento chegando ao som de trombetas de ouro. Era algo mais mundano; dois aviões do exército derramando bombas e mais de duzentos soldados metralhando com chumbo os sobreviventes. O Caldeirão foi arrasado e o fim do mundo chegou ao Brasil, mais uma vez.



Serra da Canastra. São Roque de Minas-MG





Entre olhaduras e rodeios

São Roque de Minas-MG

DESDE a ÚLTIMA CASA DA ÚLTIMA RUA DO ÚLTIMO BARRIO de São Roque de Minas o mundo se mostra interminável. No mapa, Sacramento aparece como a próxima cidade seguindo a estrada, mas sem um veículo adequado, desde este ponto, resta apenas voltar. A Serra da Canastra não permite amadorismos. O retorno é pela mesma estrada que nos traz até aqui, por Vargem Bonita, por onde dizem ter passado um São Roque teimoso que não aceitou mudança de endereço e ganhou fama de fujão. Mais um, na longa lista de santos caminhantes que voltam na surdina da noite para seus altares de afeição, quem sabe confundidos na estrada com retirantes de batina se internando nesta serra de intermúndios, onde a mata atlântica deixa de ser e o cerrado ainda não é. Dependendo do tempo, o caminho que leva ao Parque, já deixando atrás a cidade, permite o trânsito de jipes e assemelhados. Cabe ao visitante escolher entre a parte alta ou a baixa: entre a nascente do rio São Francisco ou a cachoeira Casca D'Anta. Quem optar pela cidade ou pela área rural pode conhecer outros caminhos, aqueles desenhados pelas bactérias que imprimem ao queijo curado da região um sabor particular.

Fico sabendo que o gás carbônico produzido pela fermentação da flora propiônica, temperada pelos marcantes sabores da terra, seu relevo e o clima, o ar limpo e quase colorido dos campos, os pastos e o temperamento das vacas, produzem um queijo especial, com olhaduras similares aos suíços *Emmental* e *Gruyère*, mas com *terroir* mineiro que só se encontra por aqui. Os buraquinhos do queijo Canastra Real são também um destino que vale a pena conhecer.

–Bom dia senhora, saberia me informar se a fazenda do queijo é seguindo por esta estrada?

–Dia, meu filho. Ainda hoje me perguntaram duas vezes onde vendem queijo. Queijo é o que mais tem por aqui e vem gente de longe para comprar. Sabe que eu não posso comer? Nem eu, nem a minha filha, que saiu agora pouco para comprar café, nem meu marido podia, que Deus o tenha. Nada com lactose. O médico me falou que é muito comum. Conheço gente que mesmo podendo comer já deixou de comprar queijo artesanal. É a crise, meu filho. Cada vez está mais difícil comprar produtos de qualidade. Trabalhei anos no comércio em Piumhi e em Capitólio, com turismo. Agora é ficar em casa e curtir os netos, mas tá bom. Nessa hora tomo meu cafezinho de coador e preparo um pão doce, uma delícia! Se você seguir por essa rua, bem à sua direita, vai encontrar uma lojinha que vende café moído daqui da Serra, muito gostoso. E a empresa de turismo fica ao lado. Tem chovido bastante e a estrada não deve estar boa, mas pergunte no local que eles vão lhe informar direitinho sobre os passeios. Foi isso que perguntou?



Estação ferroviária de Guaratinguetá-SF



Pílulas para crer

Guaratinguetá-SP

A CONVERSA ESTÁ ANIMADA. Em pleno centro de Guaratinguetá, perto da casa de Frei Galvão, dois senhores discutem sobre a eficácia das pílulas do primeiro santo brasileiro. “Como pode ser isso possível?”, comenta um. “É claro, o milagre não está na pílula, que é de papel, mas na fé, que é do espírito!” Mas de que pílulas estão falando? Será que a fé precisa de papel para funcionar? Parece que sim, pois certo dia, há mais de duzentos e cinquenta anos atrás, Frei Galvão recebeu nesta mesma cidade, que à época era uma pequena vila encomendada aos cuidados de Santo Antônio, a um paroquiano acometido por fortes dores renais. Nessa hora, a benção do frade pode não ter sido suficiente para acalmar a ansiedade e urgência do necessitado, que em versão apócrifa teria insistido por um milagre. E como alguns milagres demandam tempo, além de fé, acredito que o nosso bom frade teria optado pelo caminho visual e sinestésico para apaziguar mais um coração aflito. Dizem que escreveu em um papelzinho alguns versos de um breviário pedindo a intercessão da Virgem Maria, dobrou repetidas vezes e deu ao homem em forma de comprimido. E a cura chegou, naquele tempo e ainda hoje, graças a nossa humana necessidade de ver para crer.



Ditados na feira

Itamaraju-BA

"**OLHO de copaíba, gotas de Zeca, tabaco velho Ceará**", a vendedora anuncia seus produtos enquanto um curioso se aproxima da barraca e se resguarda sob um toldo improvisado. A garoa já dura mais de três dias, mas a feira está movimentada. "Dá pra fazer por menos?", pergunta o rapaz enquanto revisa a contraluz e desconfiado o conteúdo de uma garrafinha. "Para de chorar, menino! Você está na Bahia!", retruca a vendedora com uma sonora gargalhada. "Mas quem não chora não mama", responde o interessado sem deixar por menos, e complementa, "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura", e insiste em ganhar um descontinho, que mesmo pequeno fará valer o investimento, compensará o tempo de prosa e as roupas molhadas. "Tá levando barato, afinal, quando a esmola é demais o santo desconfia. Não dá pra fazer por menos", e a feirante volta a rir, inflexível, simpática, e um pouco preocupada com a chuva que engrossa. Contudo, a falta de vantagem parece fazer o rapaz desistir da compra. "Não dá pra levar. Cada um sabe onde lhe aperta o sapato", sentencia e devolve a garrafinha. "Meu jovem, quem não tem cão, caça com gato. Leve esta outra garrafa, mais barata", e fim de papo.



O jardim do vizinho

BURARAMA, CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES

DONA LOURDES OUVIA DO PAI A MESMA HISTÓRIA, uma e outra vez, sem entender completamente, mas fascinada. Amava, como toda criança, a repetição, decorando cada frase, na esperança de corrigir o próprio pai que poderia alterar algum detalhe, esquecer qualquer personagem ou acaso mudar o final de sua história preferida. Era um relato que imaginou acontecendo no Brasil e permaneceu verdadeiro até descobrir, com o passar do tempo, que só podia ser invenção. E assim ficou, como fruto da imaginação do pai, até reconhecer, à luz da experiência, que o relato que ouvira tantas vezes poderia ser real e perturbadoramente atual. Às vezes, para sermos entendidos, precisamos de alegorias e seu Alcides usava de relatos descompromissados para imprimir opiniões e críticas severas que ditas de outra forma poderiam parecer agressivas ou mesmo chegar a ofender, sem ser essa sua intenção. Como muitas brasileiras e brasileiros, seu Alcides não desestimava ninguém com quem pudesse ter uma boa conversa, sentar na praça ou na padaria para trocar ideias, ouvir causos e contar suas histórias, representações fantásticas da própria vida, temperadas com a magia da

metáfora, mas sempre reais. Porque, dizia ele, não haver imaginação que supere a realidade quando sabemos olhar para ela, nem mentira que não possua uma contraparte verdadeira, nem criação que já não tenha sido criada. Se é possível de ser pensado, então existe. “Eu não conto histórias. Eu falo da vida”, repetia. Seu Alcides morreu dois dias depois de completar setenta anos, recostado sobre a cama. Dizem que aquela tarde a janela abriu de repente e um forte vento trouxe da rua para dentro do quarto algumas folhas de amoreira. Espalhadas pelo piso, ficaram despercebidas diante da inesperada partida do contador de histórias e logo, empurradas pelo ir e vir agitado de familiares e amigos, foram parar debaixo da cama em silencioso e respeitoso cortejo. “Dele guardo o cuidado com as palavras na hora de falar. Com ele aprendi a prestar atenção e a ouvir”, complementa dona Lourdes. Porque ouvir também demanda habilidade e requinte. A arte da escuta está muito além da função biológica de ouvir. Para seu Alcides encontrar bons interlocutores sempre foi um enorme desafio. A pequena Lourdes sabia ouvir, e isso era suficiente para que a história fosse contada sempre da mesma forma, porque sendo assim, quando as palavras não mudam, o entendimento e os significados encontram novos caminhos para transmitir suas mensagens. Desse modo fizeram os antigos ao revelar, a quem soubesse ouvir e tivesse a capacidade de entender, que existiu, antes de desaparecer por motivos desconhecidos, um vilarejo espremido entre uma serra perdida e um grande rio,

escondida entre nuvens, trilhas mal desenhadas e confusas, e uma serena paisagem como atrativo principal. Nenhum registro na cartografia municipal nem interesse de ninguém por reivindicar território ou administração de tão isolada região. Apenas um mapa pouco sério de um aventureiro que afirmava ter passado por lá, registrando com um “x”, em vez de um nome, e uma breve e pouco crível crônica, a presença de um punhado de gente que decidira viver em solidão. Nesse local improvável, encravado entre as fissuras da montanha, ninguém conhecia de farturas, tampouco de carências. E se acaso alguma vez existiram tais extremos, foram com o tempo se apagando da memória até ninguém saber dos seus significados. Não havia mordomias, privilégios nem vantagens. Nenhum excluído ou sentenciado. Nenhum opressor e nenhum oprimido. E se acaso alguma vez existiram, seus papéis se tornaram desnecessários, ao ponto de ninguém querer lembrar nem precisar falar deles. O tempo cronológico parecia ter sido capturado pela monotonia do esquecimento e pelos ventos quentes e frios que alternados criavam a falsa ilusão de normalidade. Nessa terra isolada que vivia à margem de qualquer realidade ninguém era chamado a nascer e ninguém queria morrer para não quebrar o equilíbrio. Não se conheciam tristezas profundas nem se falava em felicidade, muito menos em amor. Porque o amor havia deixado de ser visto como um sentimento e passou a ser uma decisão racional, uma condição necessária para a

preservação da vida tal e como era conhecida, sem surpresas inesperadas, sem o perturbador e perigoso fantasma do desgoverno provocado pela paixão. E foi assim até o dia que alguém decidiu fazer diferente e plantar uma amoreira no jardim e enfeitar a casa mudando tudo de lugar, deixando à vista fotos e lembranças felizes. Esse alguém decidiu não se importar com os outros e contestar a rigidez do vilarejo e suas pessoas, refletiu sobre os valores que sustentavam o equilíbrio e desobedeceu. Passou a escrever cartas sem destinatários, pintar quadros sem modelos, fazer planos ambiciosos sobre um futuro assustadoramente imprevisível. Decidiu esquecer da vida controlada que vivera e limpou o quintal cantarolando músicas inventadas, declamando versos, dançando e se sujando na grama, sem medo das ventanias, das grandes sombras da noite; experimentando extasiado uma desconhecida e redentora liberdade. Esse alguém que havia decidido não se importar com os vizinhos e suas vidas cinzas e regradadas percebeu que a indiferença era insuficiente. E nessa hora, construiu um muro alto para se proteger, tentando resguardar a alegria e a fé recuperadas. E foi assim até o dia em que apareceu morto, estendido sobre o pavimento, com as costas perfuradas por incontáveis lâminas cravadas com força desigual, por diferentes mãos, mas com o mesmo objetivo de acabar com essa ameaça. Por isso, dizia seu Alcides: “se quiser viver bem, peça a Deus que chova no jardim do teu vizinho, vai ver que também choverá no teu, e ninguém suspeitará”.



Lições de um jardineiro

CAMPOS de GOYTACAZES-RJ

QUEM QUISER ELIMINAR de VEZ a ERVA DANINHA perceberá que não é suficiente cortá-la de raiz ou arrancá-la do jardim. Ela sempre encontrará uma forma de voltar, crescer e prosperar correndo em ramificações, ocupando o espaço e tomando para si cada centímetro recuado, cada fração de terra descuidada. É a sua teimosia pela vida o que a faz tão resistente. A melhor maneira para deter seu avanço é plantar arbustos fortes com raízes profundas, capazes de absorver toda a água, negando às invasoras a terra úmida e a luz do sol. Somente assim, a erva daninha falecerá, vencida aos pés de árvores frondosas, que poderão oferecer sombra, flores, talvez frutos. Porque todo espaço é uma arena de disputas e de poder, que finalmente será ocupado, indistintamente por capazes ou incompetentes, responsáveis ou inconsequentes, democratas ou ditadores, flores coloridas ou ervas daninhas. Não basta, portanto, cortar ou arrancar. Para eliminar maus hábitos, por exemplo, será necessário cultivar hábitos fortes e elevados. Ocupar os espaços negligenciados e expulsar os comportamentos indesejados, drenando deles a energia da qual se alimentam e nutrem. A impureza somente se vence com a virtude.



Vista da cidade. Mirante do Cristo Redentor. Serra Negra-SP





Tudo pela modernidade

Serra Negra-SP

SEMÁFORO, FAROL, SINALERA, SINAL, seja qual for o nome como é chamado, o certo é que o dito-cujo não é equipamento de uso frequente em grande parte das cidades brasileiras. O Brasil abriga grandes áreas metropolitanas e conurbações urbanas com vários milhões de habitantes onde seria impensável a vida sem uma adequada geometria viária, sem uma correta engenharia de tráfego, ou sem semáforos. No entanto, a maior parte dos municípios no Brasil não fazem parte da comparativamente pequena fração de cidades com drive-thrus, rodízios de temakis ou academias 24h, pelo contrário, são cidades que reúnem populações pequenas, vida pacata, namoro na praça e pouco fluxo veicular. Sem considerar as rodovias que as conectam, as pequenas cidades no Brasil ainda preservam o hábito ou a necessidade das longas caminhadas e caronas, o uso extensivo de bicicletas, ruidosas motos ou teimosas mulas, para além do veículo familiar e os transportes coletivos, eventualmente precários. Em Serra Negra, onde a vida no centro transita sem um cronômetro que alterne os tempos entre motoristas e pedestres e a boa educação e a civilidade são o regulador que da passagem e quase dispensa a faixa

nas esquinas, ouço um casal de jovens dizer que a cidade precisa de um cruzamento semafórico para parecer mais moderna. “O Circuito das Águas Paulista ainda é muito interiorano”, comenta ela, enquanto o companheiro balança a cabeça como à procura de viadutos elevados e grandes marginais interligando as cidades da região. Logo imagino uma cena: uma aglomeração de carros comparecendo enfileirados, só por curiosidade, ao cruzamento mais badalado da cidade. O objetivo? Visitar a sinaleira recém-inaugurada para ver e ser visto, esperar pela passagem e contar em forma regressiva os segundos do temporizador até atravessar. E depois, naturalmente, passar de novo, porque na repetição está o desfrute. De início, por ser novidade, será um prazer obedecer ao manual de uso que obriga, tanto em Londres como no Caparaó, a parar no vermelho e avançar no verde. Com o passar do tempo, no entanto, aquele exercício deixará de ser interessante e vistoso, e esvaziará irreversivelmente aquele orgulho que começou com a instalação de um utilitário semáforo. O mesmo que, alimentado compulsivamente por doses diárias de contaminação, trânsito e estresse, será capaz de transformar-se, como já ocorre em outros lugares, em vidraça de impérios e violência, pela impaciência de quem não está mais disposto a “perder tempo” em odiosos cruzamentos. Por isso, melhor deixar Serra Negra como está e preservar, onde ainda seja possível, até quando seja possível, o que a tal modernidade já tirou de outras cidades e não pensa devolver.



A CUIA

A cuia de chimarrão
Semboliza a vida rústica
A região tradicional
E o sentimento profundo:
Estimular "os seus" sem vaidade.
Tudo sobre a amizade
E a sua hospitalidade
da povo de Passo Fundo.

Base: Basílio e Irmãos de Lapa
Passo Fundo - RS - 1970

Monumento "Cuia de Chimarrão". Praça Marechal Roriano. Passo Fundo-RS



Um Minotauro no cassino da Maroca

PASSO FUNDO-RS

CONTAM que NASCEU Metade HOMEM, Metade
besta. Fruto de um amor proibido entre a sua mãe, uma rainha, e um touro prometido aos deuses. O castigo por ter nascido como abominável criatura foi a de habitar a contragosto os mais escuros corredores de um enorme labirinto construído para ele. Não como homenagem, e talvez tampouco para ele, mas para os outros. Para todos aqueles que não queriam vê-lo transitando à luz do dia com a normalidade da qual fora privado. Vergonha para o rei, que o via como a personificação da traição e da perfídia, e que ao não poder matá-lo, necessitava escondê-lo. Vergonha para a cidade, que exaltava a beleza e os bons costumes, e que ao não poder olhar para a sua feiura, necessitava expulsá-lo. Bestas e humanos deviam ficar separados. O labirinto já havia sido construído, faltava apenas o preconceito, e para isso foi lançado sobre esse ser o estigma de monstro, ávido por sacrifícios, devorador vingativo das filhas e filhos de cidadãos honestos que ele consumia de modo voraz e desalmado. Acalmava assim sua sede de sangue e o apetite sexual desmedido, prova irrefutável de sua perversidade.

Não havia, nessa sociedade, espaço para a redenção nem piedade suficiente para salvar um ser condenado desde seu nascimento a assumir a representação da eterna luta entre o bem e o mal. E embora esse mito seja tão antigo como a própria história, permanece atemporal. Sinto isso aqui no bairro Popular, em Passo Fundo, perto da estação rodoviária, desde onde comecei um passeio por ruas próximas. A bonita Passo Fundo também tem seus labirintos e neles habitam os modernos Minotauros de antigamente, trajando atualíssima tristeza e o mal-estar de uma existência extraviada a serviço da prostituição de rua. A defesa da moralidade, no entanto, já encarnou disputas em espaços mais sofisticados do que os becos escuros e degradados das nossas cidades. Esteve presente, por exemplo, nos diversos locais da rua XV de Novembro e na General Osório, no centro, onde ainda é possível ver os prédios que abrigaram nas décadas de 40 e 50 os salões de danças, carteados e roleta, frequentados por homens de terno a procura de diversão com belas mulheres vindas de outras cidades, do Uruguai e da Argentina. Imagino ver, desde as poltronas aveludadas do antigo cassino da Maroca, onde se falava de política, se bebia champanhe e se dançavam boleros até a madrugada, a imagem desfocada de um Minotauro refletido na janela que desde as sombras da rua observa o agito e as luzes interiores. Apesar do ofício ser o mesmo parece surpreso, e sem saber o nome do sentimento que o aflige, prefere recuar e se afastar, ainda monstruoso e marginal, ainda indigno de mostrar o brilho dos seus olhos.



Na mesa de Chico

Uberaba-MG

Ela observa as treliças de madeira que sustentam o telhado e ele parece fazer contas com os dedos. Chegaram juntos, conversando, mas agora estão calados. Ao lado deles uma senhora acomoda os óculos e faz cara de que precisa trocá-los. Atrás, um senhor idoso passeia o olhar pelos retratos na parede: Jesus, Kardec, Chico. Pendurados em quadros ou impressos em cartazes estão outros personagens de semblante iluminado. As paredes são claras de um azul celeste quase desbotado. As janelas e o batente da porta, de um azul intenso. Em pé, encostada sobre uma parede está uma jovem de cabelos loiros, ainda molhados. Carrega duas rosas nas mãos. Seu corpo fala, está inquieta. E eu? O que eu poderei falar para todas essas pessoas que estão aqui? Eu, sentado à mesa, na mesma em que Chico Xavier trabalhou durante tantas madrugadas e atendeu tanta gente. Não sei o motivo pelo qual fui convidado esta noite a fazer parte desse grupo tão notável. Agradeço a confiança, mas certamente foi uma aposta arriscada convidar um desconhecido, mas Dondinha quis assim. Quando cheguei à Casa, onde funciona o Grupo da Prece, estavam algumas pessoas reunidas no pátio externo,

conversando. Transitei por entre elas e entrei no salão, ainda vazio. A grande mesa das psicografias, que na sua época foi o centro daquele espaço, e sob as atenções de Chico Xavier chegou a receber milhares de pessoas por dia em busca de uma mensagem de conforto, estava ali, coberta por uma toalha branca e enfeitada com flores naturais. Assim que entrei, procurei um lugar mais afastado, na fileira posterior, onde os bancos de madeira quase encostam com as janelas. Fiquei no fundo como fazem os alunos que na escola querem escapar do olhar do professor, por indisciplina ou timidez. Ainda era cedo para o início da reunião, mas tarde para recuar e voltar ao pátio. Dondinha, uma das fiéis colaboradoras da casa, de muitas décadas e de muitas histórias de caridade em Uberaba, se aproximou e me convidou a sentar à mesa, junto com o senhor Eurípidés, que administra o centro, e com outros convidados. Quando os trabalhos se iniciaram, interrompendo a prece, a jovem inquieta que estava na porta se aproximou até a grande mesa e sobre ela derramou pétalas, brancas e vermelhas, que arrancava das rosas como um bem-me-quer. Soube que aquela menina sofre de esquizofrenia catatônica e seu pequeno irmão de autismo. Soube também, que graças à sua inocência –um tipo de pureza que outros não conseguiram tirar mesmo depois da violência que parecia ter sofrido– preserva a naturalidade de uma criança, de fala fácil e sem filtros. Essa irreverência conseguia tirar do sério a todo aquele que, acostumado aos protocolos, considerasse qualquer intromissão um desrespeito e uma afronta às

regras da casa. No entanto, lá estava ela, vivendo um momento feliz e premeditado. As pétalas caíam do alto das suas mãos até a mesa como se fosse um pequeno avião que as derramara por sobre uma cidade imaginária povoada por livros, folhas soltas, canetas, flores e muitos braços e dedos apoiados sobre um largo planalto de madeira. A jovem havia esperado por essa hora para expressar sua mensagem. E eu? O que eu poderei expressar para todas essas pessoas que estão aqui? Que aposta arriscada a de Dondinha, a de convidar um desconhecido que estava sentado, inexpressivo, para somar palavras junto a quem estuda a doutrina e a transmite com propriedade, mas assim ela quis. Porque Dondinha tinha a amorosa autoridade de ser irreverente e propor mudanças de última hora, inclusive celebrar com um sorriso generoso a inauguração de um aeroporto de pétalas improvisado por uma jovem, ou de receber afetosamente um convidado sem referências, como eu, e chamá-lo de amigo. “Vai, fale com ele. É o nosso irmão”, assim me disse depois Dondinha, que ouvira misteriosamente a frase sussurrada no ouvido. Quem falou? Não sei. Não perguntei. Seguramente um desinteressado coração, porque o que eu tinha a dizer não era tão valioso nem profundo como a mensagem simbólica de receber a um viajante e mostrar a ele que o nosso lugar no mundo é uma casa sem endereço, com muitas janelas para ver, infinitas portas por onde entrar, inúmeros braços para abraçar e inesperados motivos para nos sentir queridos, apesar das nossas memórias improváveis e a vida breve.



165

ESPÍRITO E CARNE
Casa de Memórias e Lembranças
Chico Xavier
(34) 3886-9667

ALLAN KARDEC
Codificador
(06 4816)

CHICO XAVIER
Codificador
(19 3199)

ESPÍRITO E CARNE
Casa de Memórias e Lembranças
Chico Xavier
(34) 3886-9667

Casa de
Memórias e
Lembranças

Casa de Memórias e Lembranças. Museu Chico Xavier. Uberaba-MG

VIAGEM PELO BRASIL

Segunda parada

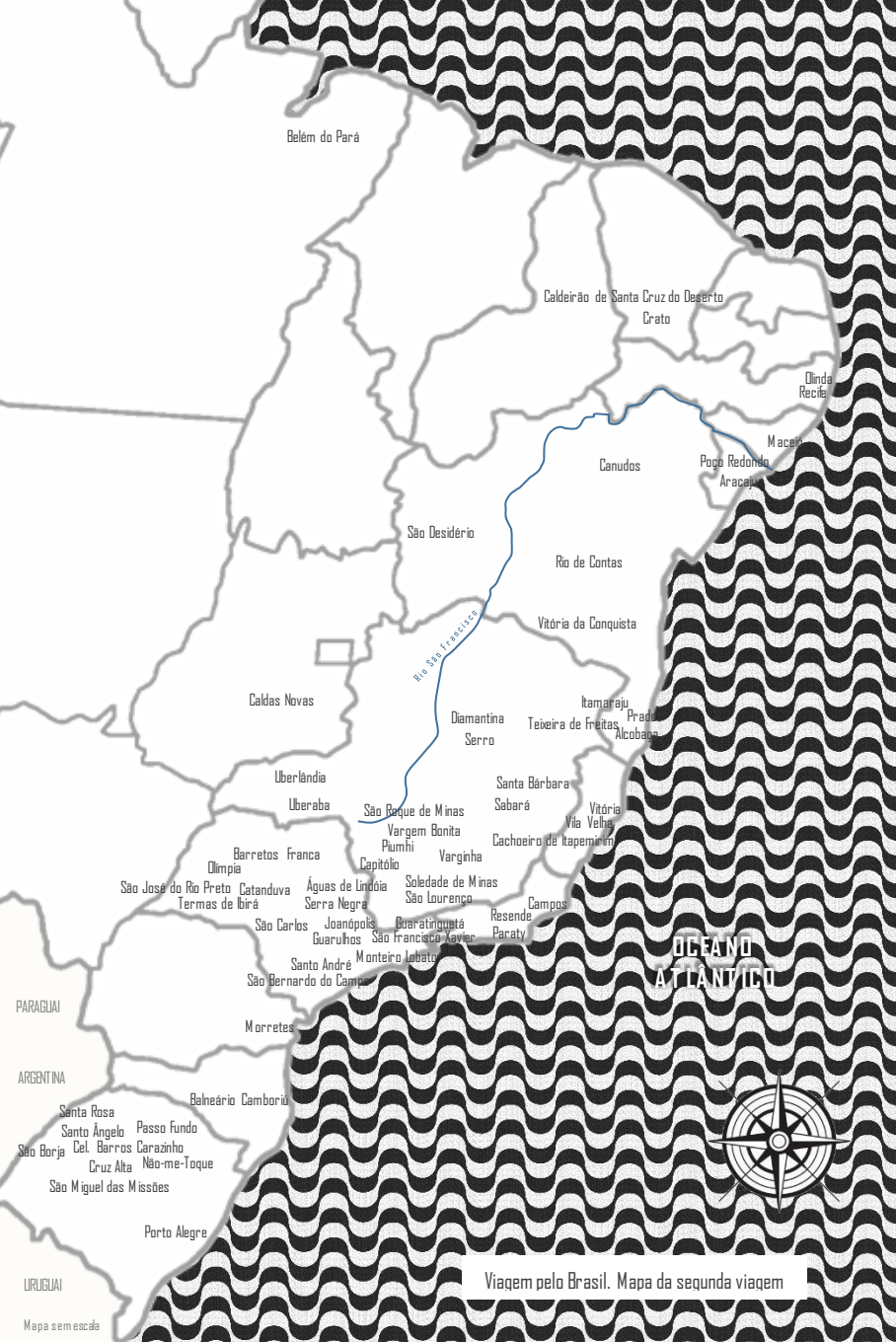
Memórias improváveis
de uma vida breve

sessenta narrativas brasileiras



Escadaria da Igreja de Nosso Senhor do Bomfim às margens do rio São Francisco. Piranhas-AL





Belém do Pará

Caldeirão de Santa Cruz do Deserto
Crato

Oinda
Recife

Maceió

Pogo Redondo
Aracaju

Canudos

Rio de Contas

Rio São Francisco

Vitória da Conquista

Caldas Novas

Diamantina
Serro

Itamaraju
Teixeira de Freitas
Prado
Alcobaça

Uberlândia

Uberaba

Santa Bárbara
Sabará

Vargem Bonita
Pumhi
Varginha

Cachoeiro de Itapemirim

Soledade de Minas
São Lourenço

Resende
Paraty

Campos

Monteiro Lobato

São José do Rio Preto

Termas de Ibirá

São Carlos

Santa André

São Bernardo do Campo

Morretes

Balneária Camborix

Santa Rosa

Santo Angelo

Passo Fundo

São Borja

Cel. Barros

Carazinho

Cruz Alta

Não-me-Toque

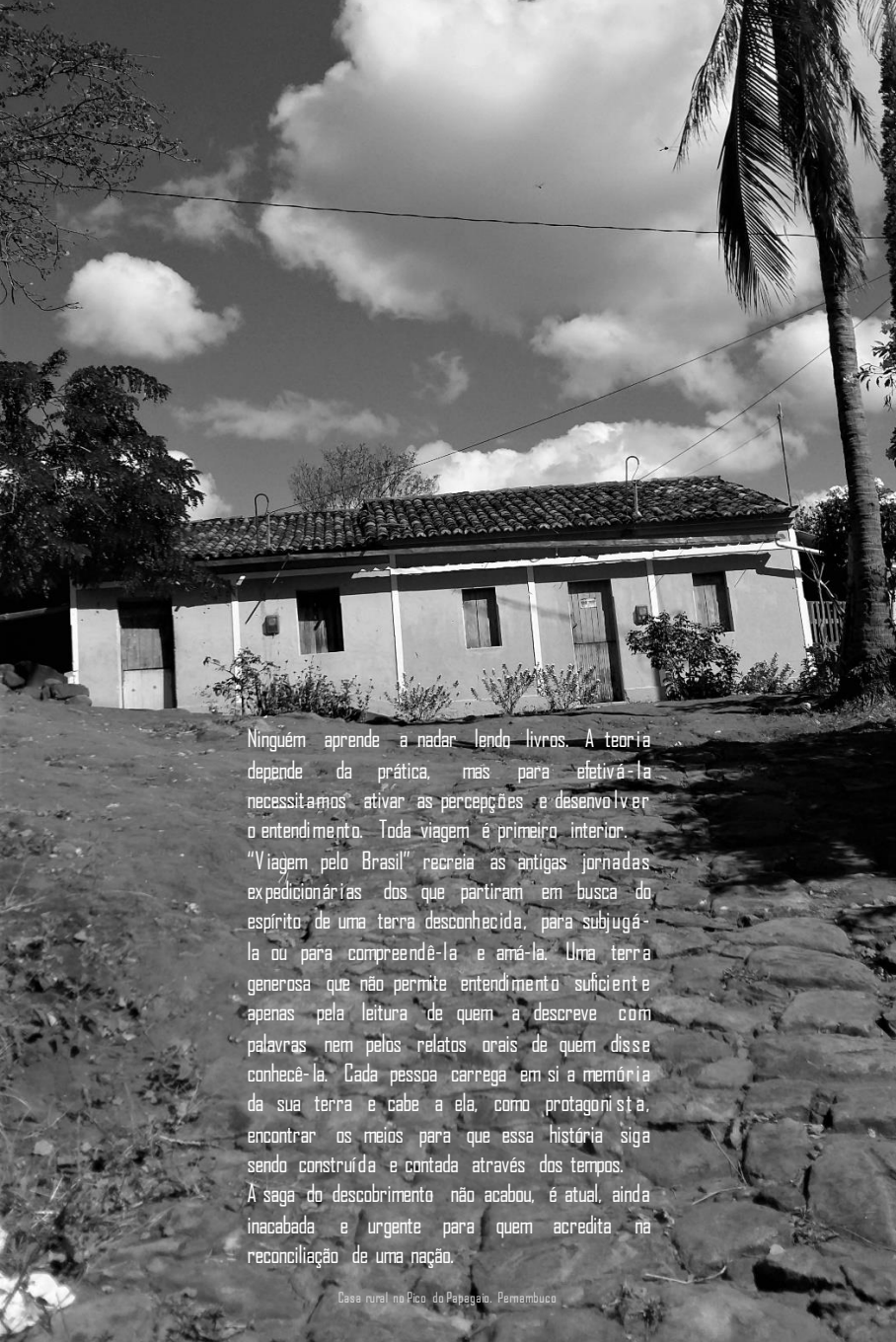
São Miguel das Missoes

Porto Alegre

OCEANO
ATLANTICO



Viaquem pelo Brasil. Mapa da segunda viaquem



Ninguém aprende a nadar lendo livros. A teoria depende da prática, mas para efetivá-la precisamos ativar as percepções e desenvolver o entendimento. Toda viagem é primeiro interior. "Viagem pelo Brasil" recreia as antigas jornadas expedicionárias dos que partiram em busca do espírito de uma terra desconhecida, para subjugá-la ou para compreendê-la e amá-la. Uma terra generosa que não permite entendimento suficiente apenas pela leitura de quem a descreve com palavras nem pelos relatos orais de quem disse conhecê-la. Cada pessoa carregá em si a memória da sua terra e cabe a ela, como protagonista, encontrar os meios para que essa história siga sendo construída e contada através dos tempos. A saga do descobrimento não acabou, é atual, ainda inacabada e urgente para quem acredita na reconciliação de uma nação.

VIAGEM PELO BRASIL

Segunda parada

Memórias improváveis
de uma vida breve

SeSSenta narrativas brasileiras

OE!